CICLO DE DEBATES SOBRE O JORNAL O EXEMPLO: TEMAS, PROBLEMAS E PERSPECTIVAS

Fernanda Oliveira da Silva Melina Kleinert Perussatto Rodrigo de Azevedo Weimer Sarah Calvi Amaral Silva **Organizadores**

nosso anni-olicaram illustres interior do Estado,somos gratissimos PELA IMPRENSA

"O Tempo", de S. Lourenço :

«Em 1º do corrente, também entrou para o 29º anno de existencia a bem cuidada folha O Exemplo, que é publicado em Porto Alegre.

ennas mais primorosas do jornalismo rio grandense.

Felicitando o distincto collega,

Recebemos tambem as seguintes cartas de felicitações :
«Para «O Exemplo».

José André Gonçalves e familia telicitam o valente orgão representado nos seus digno dirigentes, tazendo votos a Deus pela feliz duração de tão digno SOMETO

Voltei. Vi-te de novo. E o encanto a que não tento fugir, agora aviva o que findara aqui. Doe me outra vez o mesmo extranho soffrimento da hora em que le delvei, do instante em que parti.

Quis esquecer-te. Olhando s mar, ouvindo o vento, soffri. Vivi com ancia. Em vão, não te esqueci! É é com tédio que lémbro o turbido lamento das ondas que sulquei, e das canções que ouvi

americana, «World desmente a gravidade mentiras telegraphicas.

EXEMPLO

JORNAL DO POVO

Sociedade anonyma

Gerente: Julio da Silveira

Dario de Bittencourt

MINITINE. I

PORTO ALEGRE, 6 DE JANEIRO DE 1921 — RÍO GRANDE DO SUL -- BRASIL

de 1892, surgia o primeiro nu d'O Exemplo, de 1892, surgia o Principal de 1892, surgia de 18 gerente quem escreve estas li-

cores, fer-

o hou-

eores, fer-crava abu-Exemplo e por largo tempo continuou sua trajectoria, até que motivos imperiosos obrigaram a dispersão dos seus fun dadores, interrompendo-se as sim a sua publicação.

Mais tarde outro grupo de ab negados resolveu fazer reapparecer O Exemplo, mas sinda ssa vez teve de ser interrom-

sua publicação. almente em 2 de janeiro João Baptista de Fi-Julio Rabello e ounente, fizeram resurdo e ha dois anova crise surgiu ar sua existenlembraram se arrancar-me

moda en

V. de Biltencourt, o Mestre, u poder dizer que obedeceram todos os directores ciencia é pura.

immortal e sublime philonertume das suas quins, esses são indi

de homens sem criterio que so tenham por fito ganhar dinheiro, ella fere os sacerdotes das idéas nobres, ella mata, de um golpe pessôa honrada e justiceira

Verdade é que são necessarias as luctas jornalisticas, mas na arena da educação e do res-

Desse modo é que fica pro vado que os tempos e os homens são outros - mais proximos da sonhada perfeição humana; discutam-se as idéas no terreno do saber, e não entre fragor das pelejas, como a historia attesta que houve ou-

Infelizmente, nem sempre isso se dá.

El quantas vezes, no ardor das polemicas, macula-se uma pessoa, entra se no santuario do ar, para de lá trazer, ás tas do publico, um acto da fatalidade céga, um erro do mortal, como bases dum supposto libello!

A missão do jornalista é tão sagrada come a do historiador, e o jornalista é historiador, sem

Portanto, aquelle que lança um jornal á publicidade, tem sobre si enorme responsabili-dade. A sua vida é uma lucta continua, e elle precisa terçar as armas ; após o combate — vencedor ou vencido — deve u poder dizer que a sua cons-

Isso é que chama-se jorna-

Agora, os possuidores de pas

Conforme está escripto no arigo-programma, o jornal naseu de uma dessas elevações le espirito, tão peculiares á nocidade..

Mais que uma folha litteraria, o «Exemplo» é um orgão o combate

Foi para combater contra o preconceito da cor, para provar que os homens que não nasce ram com a têz branca tambem têm um cerebro, foi para luctar contra um erro da sociedade que esse jornal appareceu, devido aos esforços de moços es



Alfredo U. de Sousa que deu o nome ao jornal

perançosos e avidos de justic Embora tosse reconhecida muitos a necessidade util existencia, faltor que tanto me

IHGRGS PORTO ALEGRE, 2016.

Ciclo de debates sobre o jornal O Exemplo:

temas, problemas e perspectivas

© Dos Autores

Organizadores: Fernanda Oliveira da Silva, Melina Kleinert Perussatto, Rodrigo de Azevedo Weimer, Sarah Calvi Amaral Silva.

Conselho Editorial: Alfredo de Jesus Dal Molin Flores (UFRGS), Antonio Carlos Hohlfeldt (PUCRS), Eduardo Santos Neumann (UFRGS), Ezequiel Abásolo (UCA), Fábio Kuhn (UFRGS), Gustavo Buzai (UNLu), Gustavo Silveira Siqueira (UERJ), Heinrich Hasenack (UFRGS), Luis Cavalcanti Bahiana (UFRJ), Ricardo Marcelo Fonseca (UFPR)

Capa e Editoração: Priscila Pereira Pinto

Ciclo de debates sobre o jornal "O Exemplo": temas, problemas e perspectivas [recurso eletrônico] / Organizado por: Fernanda Oliveira da Silva; Melina Kleinert Perussatto; Rodrigo de Azevedo Weimer e Sarah Calvi Amaral Silva – Dados eletrônicos - Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande

do Sul, 2016.

Modo de acesso:

http://ihgrgs.org.br/#ebooks ISBN: 978-85-62943-07-2

1.Jornalismo 2. História da imprensa sul-rio-grandense. 3.Imprensa : Negros. 4. Imprensa negra : Rio Grande do Sul. I. Silva, Fernanda de Oliveira da. II. Perussatto, Melina Kleinert. III. Weimer, Rodrigo de Azevedo. IV. Silva, Sarah Calvi Amaral.

V. Título.

CDU 070

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

Rua Riachuelo, 1317 - 90010-271 - Centro - Porto Alegre - RS - Brasil Horário de Funcionamento: Seg-Sex, das 9h às 12h e das 13h às 18h Atendimento ao Público: Ter-Sex, das 13h30min às 17h30min

Telefone/Fax: (51) 3224-3760

 $e\hbox{-mail: ihgrgs@terra.com.br/ihgrgs.biblioteca@gmail.com}\\$

Site: www.ihgrgs.org.br

Site da Revista: seer.ufrgs.br/revistaihgrgs

SUMÁRIO

O EXEMPLO: O JORNAL NEGRO CUJAS RAÍZES ESTÃO PERPETUADAS NA IRMANDADE DO ROSÁRIO DE PORTO ALEGRE Liane Susan Muller	3
HISTÓRIA, ACERVO E PROTAGONISMO NEGRO NO JORNAL O EXEMPLO (1892-1930) Maria Angélica Zubaran	7
REVISITANDO <i>O EXEMPLO</i> : A IMPRENSA NEGRA E OS VÁRIOS SENTIDOS DA LIBERDADE Ana Flávia Magalhães Pinto	19
PROGRESSO E CIVILIZAÇÃO NO JORNAL O EXEMPLO José Antônio dos Santos	25
JORNAL <i>O EXEMPLO</i> : RAÇA, POLÍTICA E IMPRENSA DURANTE O PÓS-ABOLIÇÃO <i>Marcus Vinicius de Freitas Rosa</i>	30
APRESENTAÇÃO IHGRGS – GRUPOS TEATRAIS INTEGRANTES D'O EXEMPLO Felipe Bohrer	35

O EXEMPLO: O JORNAL NEGRO CUJAS RAÍZES ESTÃO PERPETUADAS NA IRMANDADE DO ROSÁRIO DE PORTO ALEGRE Porto Alegre, entre os anos de 1889 e 1920 foi palco de intensa atividade social desenvolvida, em mais de setenta sociedades, por um grupo de negros diferenciado intelectual e financeiramente. Tais associações tiveram como objetivos imperiosos o combate à discriminação, a formação educacional dos negros e seus filhos, e a oferta de novos espaços de socialização, uma vez que os negros viviam segregados da sociedade branca².

Tudo começa em 1786, quando cerca de 220 pessoas, a maioria composta de negros, assina a ata de fundação daquela que seria a mais importante corporação de homens leigos de Porto Alegre: a Irmandade de N. Sra. do Rosário e São Benedito de Porto Alegre³.

Ao ingressar na Irmandade do Rosário, estas pessoas, independentemente de serem escravas ou livres, iniciaram um processo de diferenciação em relação aos seus companheiros que optaram em não aderir, ou não tiveram condições para se filiarem à Confraria.

Simbolicamente, este primeiro grupo de Irmãos do Rosário destacou-se por sua admissão à corporação. Estrategicamente, formou-se pela ocupação e transformação de um espaço burocrático que apresentava regras previamente definidas pela Coroa e pela Igreja Católica e que, sem sombra de dúvidas, buscava enquadrá-los dentro um rígido esquema de controle.

A grande experiência vivida por estes negros na Irmandade do Rosário de Porto Alegre fundamentou-se na medida em que eles aprenderam a fazer uso de tais regras, propondo algumas releituras que permitissem incorporar os seus interesses⁴.

É licenciada e bacharel em História pela UFRGS. Mestre em História do Brasil pela PUCRS. Doutoranda pela Unisinos. A seguinte apresentação foi retirada do livro "As contas do meu rosário são balas de artilharia". Porto Alegre, Pragmatha, 2013. A obra contém, integralmente, a dissertação, defendida na PUCRS, em 1999.

² É o caso das sociedades Floresta Aurora, Congresso Laço de Ouro, do Gremio Literário e Dramático José do Patrocínio, da Beneficente Porto-Alegrense, Asylo 13 de Maio e Gremio Instructivo 7 de Setembro, entre outros. Com relação à grafia dos nomes optou-se por mantê-la no original. Cf. MULLER, Liane Susan. As contas do meu rosário são balas de artilharia. Porto Alegre, Pragmatha, 2013.

Para a história da Irmandade do Rosário de Porto Alegre, além da minha própria pesquisa, ver: BAREA, Mons. José. Histórico da Egreja de N. S. do Rosário de Porto Alegre. Arquivo da Cúria Metropolitana., 1941, mimio; CASTANHO, Mara Regina e NUNES, Mara Regina. A Irmandade de N. S. do Rosário e S. Benedito. In: FLORES, Moacyr (org.). Cultura afro-brasileira. Porto Alegre: EST - SLB, 1980; DAMASCENO, Athos. Artes plásticas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1971; FORTINI, Archymedes. Porto Alegre através dos tempos. Porto Alegre: Divisão de Cultura da Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Cultura, 1962; GRESELE, Ottília. A Irmandade dos negros de Porto Alegre. Monografia de conclusão do curso de História da Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras de São Leopoldo, 1967, mimio; GRESELE, Ottilia. A Irmandade dos negros de Porto Alegre. In.: Estudos Leopoldenses. nº. 6. São Leopoldo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo, 1968; MACHADO, Nara H. N. A Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos. In.: Estudos Ibero-Americanos. v XVI, nºs. 1 e 2. Anais do I Simpósio gaúcho sobre a escravidão negra. Porto Alegre: PUCRS, jul. / dez. 1990; CORUJA, Antônio Alvares Pereira. Antigualhas, reminiscências de Porto Alegre. Porto Alegre: Cia. de Seguros Gerais, 1983. Apesar da aparente quantidade, a maioria dos trabalhos se detém em um ou outro aspecto da Irmandade, sendo que apenas dois: o de Mons. Barea e o de Otília Greselle, procuram dar conta de boa parte do período de sua existência.

⁴ Cf. LEVI, Giovanni. Sobre à micro história. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. O autor explica que as situações de dominação podem ser rompidas pelo espaço de liberdade e de ação individual que emergem de brechas e inconsistências internas sempre

A comunhão do mesmo espaço e das mesmas tarefas, a constante troca de informações, e a capacidade desenvolvida para, em silêncio, estabelecer estratégias visando à ascensão social de seus membros, foram responsáveis pela transformação da Irmandade em um espaço de luta.

Trocando em miúdos, às instituições e sua racionalidade não se pode atribuir um fim, nem reduzi-las a uma simples lógica de dominação, posto que a duplicidade, o ardil, o querer-viver, se exprimem através de uma multiplicidade de rituais, de situações, de gestuais, de experiências e mesmo de coisas materiais, que delimitam um espaço de liberdade.

E nesse mundo de redes existenciais de microgrupos, várias serão as expressões de resistência: o silêncio, a astúcia, a luta, a passividade, o humor ou a falta dele, permitirão resistir com eficácia às ideologias ou pretensões dos que procuram dominar.

Seguindo essa lógica e a objetivando com muita competência, em 1828, ano em que inaugurou a Igreja do Rosário, a Irmandade logrou aprovar o seu primeiro Compromisso, ficando assim respaldada legalmente para dar sequência às suas atividades⁵: manutenção de parte das tradições africanas ligadas ao culto dos antepassados, reafirmação, através dos funerais, da importância social de cada Irmão, educação informal, inclusive financeira, oportunização de abertura de pequenos negócios e também moradia aos seus membros.

O luxo ostentado por seus componentes, durante as procissões e festas, era imediatamente percebido nas vestes, nos paramentos, e nas alfaias, que demonstravam, de forma clara, um homem negro capaz de organizar e gerenciar tais espetáculos;

A grande estratégia proposta para transformar a comunidade negra em um grupo de pessoas capacitadas a enfrentar as exigências da sociedade abrangente foi a formação educacional.

A ideia da formação de pecúlio foi estimulada para que os negros escravos pudessem comprar suas cartas de alforria, mas terminou extrapolando esse objetivo.

Estrategicamente, os negros incorporaram ao Compromisso de 1828, um artigo inteiro cujo objetivo era orientar todas as administrações a se baterem pela libertação dos Irmãos ainda cativos.

existentes em qualquer sistema de normas. Assim, estaria garantida uma "certa margem de manobra para os dominados" e mudanças importantes, dentro do sistema normativo, poderiam ser impostas por eles. O mesmo autor, em outro artigo intitulado Les usages de las biographie. In: Annales, ESC, 1989, p. 1325 – 1336, reforça e detalha melhor esta ideia. De outro lado, Chalhoub, mesmo não se referindo especificamente a Levi, menciona algo parecido na conclusão de Visões da liberdade: "(...) deparei-me com a eficiência das malhas da política de domínio na escravidão e, ao mesmo tempo, com exemplos seguidos de criação da diferença através destas malhas, com os negros operando às vezes um sutil deslocamento de seus próprios fios." CHALHOUB, Sidney. Visões da liberdade - Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 251. Grifos do autor. Outros autores brasileiros que se utilizam da ideia de um possível rompimento nos sistemas normativos, em especial no sistema escravista, são: PRIORI, Mary Del. Festas e utopias no Brasil colonial. São Paulo: Brasiliense, 1994 e SCARANO, Julita. Cotidiano e solidariedade. Vida diária da gente de cor nas Minas Gerais. Século XVIII. São Paulo: Brasiliense, 1994; REIS, Letícia Vidor de Souza. Negro em "terra de branco": a reinvenção da identidade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz e REIS, Letícia Vidor de Souza.(Org.) Negras imagens. São Paulo: Estação Ciência / Edusp, 1996.

⁵ Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário e São Bendicto creada nesta Villa de Porto Alegre da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul – 1928., mimio.

Todas estas iniciativas, levadas a cabo pela Irmandade do Rosário, contribuíram de fato para a constituição de um grupo diferenciado de negros, uma espécie de "elite" intelectual e proprietária⁶.

Este grupo, a partir de 1870, buscou ampliar seu espaço social fundando clubes, associações beneficentes e até mesmo um jornal.

Da fundação da Sociedade Musical Floresta Aurora, em 1872, até o ano de 1920, a comunidade negra porto-alegrense criou 72 sociedades de caráter diverso, mais o semanário *O Exemplo* que circulou durante três décadas⁷.

Nascido das mãos de operários gráficos e letrados, em 1892 surgiu *O Exemplo*, um hebdomadário que tinha por função divulgar as atividades sociais dos clubes e combater o preconceito⁸.

Entre os primeiros diretores: Aurélio Bittencourt Jr e Sérgio de Bittencourt, ambos filhos de Aurélio Viríssimo de Bittencourt.

O Jornal dividiu-se, cronologicamente, em três fases distintas de abordagem:

• 1ª Fase: 1892-1897, sediado na Rua dos Andradas, 247 Entre 1892 e 1910 era um jornal literário. Nos editoriais procurava defender as associações negras e propunha campanhas fortes contra o racismo.

• 2ª Fase: Reeditado semanalmente a partir de 1902

Entre 1911 e 1916, ainda era literário, mas cada vez mais privilegiava o operariado porto-alegrense.

• Permanece circulando até meados de 1930;

De 1917 em diante já era totalmente voltado para a luta dos operários. Nesse momento há uma fusão entre o combate ao preconceito e as reivindicações feitas por um operariado cada vez mais negro e empobrecido.

O jornal desencadeou campanhas de alfabetização; se opôs às sociedades cujo fim visava apenas â recreação; chamou a atenção das autoridades públicas para os desmandos que praticamente tolhiam o direito do negro de se reunir; combateu os

⁶ Sobre a existência de uma "elite" negra no Brasil, ver: PINTO, Regina Pahim. *Movimento negro em São Paulo: luta e identidade.* São Paulo: Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1993, mimio, p. 55. Devido às próprias especificidades do processo histórico brasileiro, torna-se difícil configurar esse grupo diferenciado de negros dentro dos conceitos de elite mais utilizados na historiografia e nas ciências políticas, razão pela qual sempre que o termo for utilizado será colocado entre aspas. Esse fato remete para a necessidade urgente de construirmos categorias de análise próprias à realidade brasileira, tarefa essa que, diga-se de passagem, extrapola em muito os objetivos desse trabalho. Fica feito, no entanto, o registro, como sugestão para futuras pesquisas.

⁷ Para uma visualização abrangente sobre essas sociedades existentes em Porto Alegre, ver MULLER, Liane Susan. *As contas do meu rosário são balas de artilharia*. Op. Cit. Capítulo III.

⁸ BRG. Coleção Agostinho José Lourenço. Estante: 57/2, Tomo 9, Volume 46. O Exemplo. Ano I, n.º. 1. Porto Alegre: 11 de dez. de 1892, p.1. Existem referências à fundação de um jornal, no Rio de Janeiro, no ano de 1833. Com o nome de O Homem de Cor, segundo Hélio Vianna, esse periódico figuraria como o pioneiro entre as publicações negras. Cf. VIANNA, Hélio. Contribuição à história da imprensa brasileira (1812-1869). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1946, p. 218. Entretanto, em estudo mais recente, Miriam Ferrara localiza o jornal paulista O Menelick, fundado em 1915, como sendo o primeiro jornal negro publicado no Brasil. Nesse sentido, tendo sido fundado em 1892, podemos considerar O Exemplo como o grande inaugurador da imprensa negra brasileira. Sobre os jornais negros e sua influência sobre a comunidade negra brasileira, em especial São Paulo, ver especialmente: FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915-1963). São Paulo: FFLCH/USP, 1986 e da mesma autora, A imprensa negra paulista (1915/1963). In: Revista Brasileira de História. São Paulo: 5 (10), mar./ago. 1985, p. 197 – 207.

"patrícios" embranquecidos que negavam apoio aos negros desamparados; e, por fim, transformou-se no único grande registro impresso de uma luta que varou os séculos, chegando à atualidade.⁹

Essa luta, travada, na maioria das vezes silenciosamente, entre uma "elite" negra e a sociedade branca, não se estabeleceu por via de um processo dicotômico que somente oferece duas possibilidades: manter íntegra a herança cultural africana, ou assimilar completamente os valores do homem branco.

Cheia de nuances, com avanços e recuos estratégicos, essa luta que iniciou nos tempos de fundação da Irmandade do Rosário e que continua ainda em nossos dias, reflete um feixe variado de tensões e uma pluralidade incalculável de experiências sociais.

Certamente há ainda muito que pesquisar sobre isso. Na medida em que novos documentos são disponibilizados, mais caminhos se abrem, mais possibilidades de interpretação se oferecem. Cabe a nós, historiadores, sociólogos e interessados no assunto, arregaçar as mangas e se debruçar sobre a temática. A recompensa será sempre o resgate da voz do povo negro. Simplesmente o povo construtor do nosso presente enquanto brasileiros.

História, Acervo e Protagonismo Negro no Jornal O Exemplo (1892-1930)

Maria Angélica Zubaran (Ulbra/RS)

Resumo: O artigo aborda a história do jornal da imprensa negra O Exemplo e de seu acervo, apresenta estudos realizados sobre o tema e discute resultados de

⁹ Recentemente, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul digitalizou uma substancial coleção de *O Exemplo*. Essa iniciativa oportuniza mais pesquisas com o conteúdo do jornal, uma vez que o torna mais acessível a todos os interessados.

pesquisas sobre famílias e biografias negras neste jornal, na década de 1920. A pesquisa demonstra, em primeiro lugar, o envolvimento de famílias afrodescendentes na condução do jornal e em irmandades negras e sociedades recreativas e culturais. Em segundo lugar, os fragmentos biográficos demonstram que estabelecer laços familiares, trabalhar regularmente e educar-se eram estratégias de inclusão social que faziam parte da trajetória de vida dos afro-rio-grandenses e evidenciam o protagonismo negro em Porto Alegre/RS nesta época.

Palavras-Chave: Imprensa Negra, Acervo, Família Afrodescendente, Biografias, Protagonismo Negro

Abstract: This article discusses the history of the black newspaper *O Exemplo* and its collection, presents studies on the topic and the results of a research carried out in the newspaper in the 1920s. The research shows, in the first place, the involvement of African descent family members in the journal and their participation in black brotherhoods and in recreational and cultural black societies. Second, the biographical fragments shows that to establish family ties, work regularly and educate yourself were social inclusion strategies that were part of the everyday life of afro-rio-grandenses and highlights black protagonism in Porto Alegre /RS, in this period.

Keywords: Black Press, Collections, Afrodescendant Family, Biographies, Black Protagonism

Em primeiro lugar, destaca-se a iniciativa do *GT Emancipação e Pós-Abolição*, da ANPUH/RS, de promover um Ciclo de Palestras sobre o jornal *O Exemplo*. O evento deu o merecido destaque a este periódico da imprensa negra do Rio Grande do Sul e abriu um espaço de debate sobre o jornal entre pesquisadores da área e demais interessados.

As coleções do jornal *O Exemplo*, mais do que simples registros de um passado congelado no tempo, são portadoras de referência às memórias e às identidades de minorias étnicas, que até pouco tempo, eram excluídas das representações oficiais da nação brasileira. Neste sentido, a preservação digital do acervo do jornal *O Exemplo* possui uma função social muito importante que é garantir aos diferentes grupos sociais, étnicos e culturais que fazem parte da sociedade brasileira, o direito às suas memórias, cultura e história no período que se estende de 1892 a 1930.

Este trabalho destaca inicialmente, um pouco da história deste jornal e de seu acervo e apresenta brevemente os estudos realizados sobre *O Exemplo*. Em seguida, apresento resultados de pesquisa sobre o acervo do jornal na década de 1920, salientando as redes familiares e os fragmentos biográficos dos redatores do jornal.

O Exemplo: Um Patrimônio Cultural Afrodescendente

O jornal O Exemplo foi o primeiro jornal da comunidade afro-rio-grandense que circulou, com algumas interrupções, de 1892 até 1930, cobrindo um período de 37 anos dedicado à história e à cultura do negro no Brasil meridional. Portanto, suas coleções são testemunhos de inestimável valor histórico e cultural para a preservação e valorização das memórias, da história e da cultura dos afro-brasileiros, assim como para a construção de subjetividades e identidades negras. Neste sentido, destaca-se a importância de considerar-se o acervo do jornal O Exemplo (1892-1930) como um patrimônio cultural afrodescendente, cujo registro como patrimônio cultural junto aos

órgãos competentes, seria uma iniciativa de grande valor cultural para a preservação das memórias negras.

Conforme declarou o poeta militante Oliveira Silveira, em reportagem ao jornal Correio do Povo na década de 1970: "O Exemplo merece que se escreva em letras grandes nas encadernações de suas coleções: Cuidado, delicado, precioso, patrimônio cultural da comunidade negra em Porto Alegre" (Correio do Povo, 1972, p.22). Neste sentido, a recente preservação digital desse acervo e sua disponibilização online assegura o acesso à memória social dos afro-rio-grandenses e permite que novos estudos e pesquisas sobre a história afro-brasileira sejam realizadas, a partir do olhar dos próprios afrodescendentes.

Um pouco de História

O Exemplo apareceu em Porto Alegre, em 11 de dezembro de 1892, como "Propriedade de uma Associação", que segundo estudos realizados por Liane Müller (2013), estava relacionada à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, mais especificamente, ao fato de alguns de seus fundadores terem sido membros desta Irmandade, caso de Aurélio Viríssimo de Bittencourt e de Calisto Felizardo de Araújo.

O Exemplo foi fundado por um grupo de jovens negros, "moços esperançosos e ávidos de justiça", que costumavam reunir-se em uma barbearia, o Salão Calisto, situado à Rua dos Andradas no. 247, no centro da cidade de Porto Alegre, alguns deles, já com alguma experiência como tipógrafos. Entre os seus fundadores destacam-se: Arthur de Andrade (diretor de redação), Marcílio Freitas (editor gerente), os irmãos Aurélio Bittencourt Júnior e Sérgio Bittencourt, os irmãos Esperidião Calisto e Florêncio Calisto entre outros.

Fundadores do Jornal O Exemplo







Fig. 1 Arthur de Andrade (O Exemplo, 06 de janeiro de 1921, p.1)

Fig. 2 Aurélio de Bittencourt Júnior (O Exemplo, 06 de janeiro de 1921, p.2)

Fig. 3 Francisco Marcílio da Costa Freitas (O Exemplo, 12 de abril de 1928, p.1)

De acordo com o articulista Antônio Lourenço, a fundação do jornal se deu no contexto de um caso de preconceito e discriminação ocorrido contra Justino Coelho da Silva, que tendo sido classificado em primeiro lugar em concurso público estadual, foi surpreendido pela anulação do concurso, sob a alegação de que apesar de suas "notórias aptidões, tinha o grande "defeito" de não ser branca a cor de sua epiderme" (O Exemplo, 2/jan/1928). De acordo com Marcílio Freitas:

Foi então que, revoltados com esse insólito procedimento contra uma raça, resolvemos tomar sua defesa, dando combate a esse mesquinho preconceito, lançando no seio da imprensa sul-rio-grandense um jornal que fosse a síntese de nosso ideal e ao mesmo tempo a afirmação positiva e concretizadora que irradiava dos cérebros dos homens de cor. (O Exemplo, 2/01/1928, p.1).

Já no editorial do primeiro exemplar, O Exemplo apresentava-se como porta voz "dos homens de cor" e manifestava-se contra o racismo científico, em voga entre as elites republicanas e contra as hierarquias baseadas na cor da pele:

Devemos mostrar à sociedade que também temos um cérebro que se desenvolve segundo o grau de estudo a que o sujeitemos e, por consequência, também podemos nos alistar nas cruzadas empreendidas pela inteligência, muito embora alguns queiram nos acoimar, ou porque desconheçam nossas legítimas aspirações, ou porque façam parte dos que julgam o homem pela cor da epiderme (O Exemplo, 11/12/1892, p. 1).

Inicialmente, O Exemplo era um jornal semanal, de quatro páginas, três colunas, formato 30x21, que saía aos domingos, de tiragem modesta, vendido pelos próprios editores, na sede do jornal, ou através de assinaturas inicialmente semestrais. O jornal possuía representantes no Rio de Janeiro e em várias cidades do interior do Rio Grande do Sul, entre elas: Rio Grande, Pelotas, Rio Pardo, Cachoeira, Santa Cruz, Barra do Ribeiro, Encantado, Taquara, Santa Maria, Bom Jesus, Alegrete, São Sepé, Caxias, São Leopoldo (O Exemplo, 07/05/1916, p. 1).

A partir de 1917, O Exemplo ganhou formato grande, 56X38, e chegou a ter exemplares comemorativos de até 10 páginas. De acordo com as pesquisas realizadas até o presente momento pode-se afirmar que a trajetória do jornal O Exemplo foi marcada por quatro fases relativas aos diferentes períodos de sua publicação: 1892/97, 1902/05, 1908/11 e de 1916/30. Na primeira fase, O Exemplo se mostrou quase exclusivamente vinculado à comunidade negra, denunciando o preconceito étnicoracial, registrando as atividades sociais e culturais da comunidade negra, pregando a moralização de costumes e as vantagens da educação. Nesta primeira fase, o primeiro diretor do Exemplo foi Arthur Ferreira de Andrade (1871 - 1925), um dos fundadores do jornal, que nasceu no mesmo ano em que foi promulgada a Lei do Ventre Livre, o que indica que viveu sua infância e adolescência durante o período escravista. Estudou no colégio Gomes e através de concurso entrou na Correios, onde iniciou sua carreira no funcionalismo público. Bacharelou-se em Ciência Jurídicas na Faculdade de Direito da capital e exerceu cargos em várias sociedades e irmandades. Era vice-presidente da Beneficência Porto-Alegrense e orador do Clube de Oficiais da Guarda Nacional. Faleceu em 11/03/1925, com 54 anos.

A segunda fase do *Exemplo* tem início no século XX, com o reaparecimento do jornal em 1902 e estende-se, com algumas interrupções, até 1905. Nessa fase, o jornal recebeu o subtítulo: *Jornal do Povo* e a partir daí, como apontou Oliveira Silveira, "abriu-se para assuntos não-negros", estabelecendo sólidas ligações com lideranças operárias, como foi o caso de Tácito Pires, diretor em 1904. A terceira fase do jornal, ocorreu ainda na primeira década do século XX, quando reapareceu em 1908 e se manteve sem interrupções até 1911. Finalmente, conforme reportagem do aniversário do jornal em 06/01/1921, "em 2 de janeiro de 1914, João Batista de Figueiredo, Júlio Rabello e outros fizeram ressurgir *O Exemplo*" em 1916 e chamaram Marcílio Freitas

-

¹⁰ Manuscritos de Oliveira Silveira sob a guarda de sua filha Naiara Oliveira Silveira.

para presidir o Grupo Mantenedor do *Exemplo*, que a partir dessa data, se responsabilizaria pelos destinos do jornal. Nesta nova fase, particularmente a partir da década de 1920, sob a direção de Dario de Bittencourt, o jornal registrou a participação de inúmeros colaboradores brancos, como Raul Bopp, Arthur Damasceno, Vargas Neto, Dante Laitano e Walter Spalding. É bem provável que a abertura crescente para colaboradores brancos na redação do jornal na década de 1920, além de estar associada a uma ampliação do público, tenha também correspondido às necessidades financeiras do jornal, que sempre lutara com grandes dificuldades para circular e manter sua periodicidade, muitas vezes "vivendo à custa de sacrifícios dos mantenedores" (*O Exemplo*, 2/01/1930, p. 1). Neste último exemplar do jornal, de 2 de janeiro de 1930, os redatores comentaram as dificuldades financeiras do periódico e deixaram antever que *O Exemplo* chegara ao fim. Homenagearam os que contribuíram com o jornal, "os lutadores queridos", conforme se observa nas declarações do último editorial do jornal:

No dia dos nossos trinta e sete anos de peregrinação com as realidades e as decepções, abraçamos, neste lúgubre fim de ano, os irmãos desta torra fecunda, boa e infeliz, e augurarmos a todos os que se detêm as vistas nestas colunas um ano melhor, mais promissor, farto e bonançoso [...] e lembrarmos os lutadores queridos que se foram tão depressa da nossa companhia, sumidos na distância eterna do desconhecido e perto, muito perto, da nossa saudade que os chora e lhes rende um penhor de homenagens! (O Exemplo, 02/01/1930).

O Acervo do Jornal O Exemplo

O Exemplo chegou aos nossos dias em cinco coleções. A primeira coleção, a mais antiga e rara do jornal, circulou na última década do século XIX e reúne em torno de 50 exemplares, iniciando em 11/12/1892 e terminando em 10/11/1895. Essa coleção do jornal O Exemplo do século XIX, pertenceu a Dario de Bittencourt, último diretor do jornal O Exemplo. De acordo com os escritos de Oliveira Silveira, após a morte de Dario de Bittencourt, essa coleção passou para seu amigo e colaborador no Exemplo, Antônio Lourenço, herdeiro da coleção, indicado ainda em vida por Dario de Bittencourt. Conta Oliveira Silveira, que com a doença e o posterior falecimento de Antônio Lourenço, desapareceram também as informações sobre o paradeiro dessa coleção. Finalmente, a coleção foi localizada por Oliveira Silveira, com a viúva de Antônio Lourenço, a escritora Celeste Maria Masera Lourenço, no ano em que o jornal completava 92 anos de sua fundação. A partir dessa data a coleção passou a pertencer ao poeta Oliveira Silveira e, desde o falecimento de Oliveira Silveira, em 2009, sob a guarda de sua filha Naiara Oliveira Silveira.

A segunda coleção do jornal O Exemplo, relativa às primeiras décadas do século XX, pertenceu originalmente ao acervo da Biblioteca Pública Estadual do Rio Grande do Sul, na seção Rio Grande do Sul, compreendendo os anos de 1902 a 1905 e alguns exemplares da década de 1920. Essa coleção foi posteriormente transferida para o acervo da hemeroteca do Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa, onde se encontra até o presente momento.

A terceira coleção do jornal *O Exemplo* pertence ao Núcleo de Pesquisa em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NPH/UFRGS) e reúne exemplares da primeira e segunda décadas do século XX, cópias da Biblioteca Nacional e de Arquivo na Holanda.

A quarta coleção relativa à década de 1920, também pertenceu a Dario de Bittencourt e foi repassada ao Círculo de Investigação e Pesquisas Literárias (CIPEL) e,

posteriormente, transferida para o acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), onde se encontra até o presente momento.

Na Biblioteca Pública *Rio-G*randense, na cidade de Rio Grande, encontra-se uma pequena coleção, que reúne alguns exemplares do século XIX e outros da década de 1920. Desta forma, pode-se afirmar que até chegar às instituições de pesquisa de Porto Alegre, a preservação das coleções do jornal *O Exemplo* foi resultado do cuidado e da valorização deste acervo do jornal pelas lideranças negras. Espera-se que as instituições de pesquisa continuem honrando essa tradição.

Estudos sobre O Exemplo

Entre os estudos acadêmicos produzidos sobre o jornal O Exemplo destacamse: O estudo de Fernando Henrique Cardoso (1977), Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional, que analisa no último capítulo, a primeira fase do jornal O Exemplo no século XIX. Na década de 1990, a dissertação de Liane Susan Müller (1999), As Contas do Meu Rosário são Balas de Artilharia (publicada em 2013), sobre a Irmandade Negra da Nossa Senhora do Rosário, que contém um subcapítulo sobre o jornal O Exemplo nas primeiras décadas do século XX. No século XXI, a dissertação de mestrado de Ana Flávia Magalhães Pinto (2001), Imprensa Negra no Brasil do Século XIX (publicada em 2010), com um capítulo sobre o jornal O Exemplo na sua fase inicial, no século XIX. Posteriormente, os trabalhos de Maria Angélica Zubaran, Identidades Negras no Pós-Abolição (2006), Comemorações da Liberdade Negra (2008), A Reinvenção da Abolição e dos Abolicionistas (2014), O Acervo do Jornal O Exemplo (2015), Raça e Gênero na Campanha ao Monumento da Mãe Preta (2015); o artigo de José Antônio dos Santos, Uma Arqueologia dos Jornais Negros no Brasil (2008) e sua tese de doutorado Prisioneiros da História. Trajetórias Intelectuais na Imprensa Negra Meridional, (PUCRS, 2011), que entre outros jornais da imprensa negra analisa o jornal O Exemplo; o estudo de Regina Célia Lima Xavier, sobre Raça, Classe e Cor: Debates em torno da construção de identidades no Rio Grande do Sul no Pós-Abolição (2013), de Cristina Camarata Lins Bahia (2013), a monografia A Imprensa Negra em Porto Alegre (1902-1905): uma participação feminina e negra na redação do jornal O Exemplo (História, FAPA, 2013), de Felipe Böher, a dissertação A Música na Cadencia da História (Dissertação, História, UFRGS, 2014) e de Isabel Silveira, a tese de doutorado Cultura Teatral afrodescendente: representações raciais e pedagogias culturais no teatro do Rio Grande do Sul (Educação, UFRGS, 2015). Estes são, de forma resumida, os estudos realizados sobre o jornal O Exemplo até o presente momento. A seguir, apresento alguns resultados parciais de pesquisa no acervo do jornal O Exemplo na década de 1920.

Famílias Afrodescendentes no jornal O Exemplo

Durante muito tempo, a história da família no Brasil praticamente ignorou o tema da família e das relações familiares entre a população afrodescendente. De acordo com Salles e Soares (2005), o olhar branco dos observadores raramente conseguiu captar o lar negro, levando muitos historiadores a afirmar que a vigência do tráfico africano, a violência e a ausência formal de direitos inerentes à escravidão, tornaram impossível a constituição de relações familiares no cativeiro (SALLES, SOARES, 2005, p. 49). Como apontam Salles e Soares, a nova história da família prioriza o estudo das famílias afrodescendentes, suas relações familiares, valores e

visões do mundo. Nesta direção, buscou-se investigar a relação entre famílias afrodescendentes e o jornal O Exemplo.

As primeiras referências às famílias negras ligadas ao jornal O Exemplo aparecem na pesquisa realizada por Liane Susan Müller (1999), em seu estudo sobre a Irmandade do Rosário, que destacou na década de 1870, a presença da família de Aurélio Veríssimo de Bittencourt, Prior da Arquiconfraria do Rosário, pai de Aurélio de Bittencourt Júnior (fundador do jornal O Exemplo) e de Sérgio de Bittencourt (fundador do jornal O Exemplo). Müller salientou também a importância da família Calisto, formada pelo pai Calisto Felizardo de Araújo, Tesoureiro da Irmandade do Rosário e de seus filhos Esperidião Calisto e Florêncio Calisto, ambos fundadores do jornal O Exemplo.

Já pesquisas realizadas recentemente no acervo do jornal demonstraram os vínculos significativos estabelecidos entre membros da família Baptista da Silva e o jornal *O Exemplo*, assim como, sua participação em uma ampla rede social e cultural, que incluía irmandades negras, sociedades recreativas e culturais negras, além de relações de trabalho.

O pai, João Baptista da Silva (1858-1937), nasceu em 28 de agosto de 1858, filho de Lívia Baptista e pai desconhecido, casou-se com Francisca Baptista da Silva em 1880, com quem teve três filhos, Felippe Baptista da Silva, João Baptista da Silva Junior e Maria Delphina Baptista da Silva, além de Magdalena Baptista da Silva, filha de criação. Ganhou notoriedade na carreira militar, onde alcançou o posto de Major da Guarda Nacional. Membro do Grupo Mantenedor do jornal *O Exemplo*, Irmão da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e Tesoureiro da Beneficência Porto-Alegrense. Foi também funcionário público da Delegacia Fiscal e Prior da Irmandade do Rosário.

O filho mais velho, Felippe Baptista da Silva (1883–1923) nasceu em 01 de maio de 1883, estudou no Seminário de Pareci Novo, em S. Sebastião do Caí. Foi tenente da Guarda Nacional e, posteriormente, escriturário da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional. Entrou para o jornal *O Exemplo* em 1917, como diretor tesoureiro. Estudou na Faculdade de Medicina, mas não chegou a graduar-se. Era membro da Sociedade Centro Porto Alegrense. Entrou para o jornal *O Exemplo* em 1917, no cargo de diretortesoureiro e em seguida passou a fazer parte do Grupo Mantenedor. Foi escrivão da Confraria Imaculada Nossa Senhora da Conceição, primeiro secretário da Igreja Nossa Senhora das Dores, segundo secretário da Irmandade do Rosário, participou da Irmandade do Divino Espírito Santo e da Devoção de São Francisco Xavier. Casou-se com Ercília Baptista da Silva e teve um casal de filhos, Felippe Baptista da Silva Junior e Joanna Maria de Lourdes.

O irmão, João Baptista da Silva Junior (1891-1920), ou Baptista Junior, como ficou conhecido entre os colegas de redação, nasceu em 28 de setembro de 1891, formou-se no Ginásio Anchieta e ingressou no ensino superior, no Curso de Direito, que cursou somente até o quarto semestre, em razão do seu falecimento prematuro em 28 de outubro de 1920, vítima de pneumonia. Destacou-se no meio jurídico, nas audiências no Tribunal de Justiça e do Foro Judicial. Em 28 de janeiro de 1917, assumiu o cargo de diretor do jornal O Exemplo, posto em que permaneceu até o seu falecimento. Seguem

-

¹¹ Sociedade instrutiva e recreativa que tinha por fim desenvolver entre seus associados o gosto pelas letras, organizando uma biblioteca e promovendo palestras literárias e também proporcionar as famílias dos sócios diversões como saraus, piqueniques. Diretoria: Presidente Marcílio Francisco da Costa Freitas, Vice: Alfredo Antunes, 1º Secretário: Felippe Baptista da Silva (A Federação, 17/02/1907, p. 2).

fotogravuras de membros de famílias afrodescendentes relacionadas ao jornal O Exemplo.







Fig. 1: Família Bittencourt







Fig. 2: Família Batista da Silva

As redes sociais construídas pelas famílias afrodescendentes que atuavam no jornal *O Exemplo* se contrapõem às representações de anomia social associadas à comunidade negra e frequentemente utilizadas como explicação para a falta de inclusão social e política dos negros no pós-abolição. Por outro lado, estas redes sociais e culturais apontam para o protagonismo negro na sociedade porto-alegrense da época.

Biografias Entrecruzadas

Entre os resultados parciais de pesquisa no jornal *O Exemplo* na década de 1920, salienta-se a análise de fragmentos biográficos de afrodescendentes publicados no jornal, na ocasião de seus falecimentos. Na direção apontada por Petrônio Domingues, considera-se que o estudo de biografias negras constitui um campo de pesquisa relevante e em franca expansão, "pois permite conhecer, entre outras coisas, as diversas maneiras de ser negro" no Brasil (2009, p 231). Também Benito B. Schmidt sublinhou que "na historiografia contemporânea as biografias servem justamente como via de investigação dos espaços de liberdade possíveis aos agentes sociais em diferentes contextos, mostrando que por mais eficientes que sejam as políticas de domínio, existem sempre margens de manobra, opções de escolhas" (2013, pág. 68-70). Nesta direção, a pesquisa que realizamos sobre fragmentos biográficos de

afrodescendentes no jornal O *Exemplo*, buscou mapear suas redes sociais e seu protagonismo na sociedade porto-alegrense da época.¹²

A pesquisa realizada no acervo do jornal *O Exemplo* revelou que a década de 1920 foi marcada pela morte de oito membros do jornal, entre eles, em ordem cronológica: Baptista Júnior (1920), Arthur Gama (1922), Felippe Baptista da Silva (1923), José da Silva Dias (1925), Arthur de Andrade (1925), Júlio da Silveira (1927), Marcílio Francisco da Costa Freitas (1928) e Arnaldo Dutra (1929). Nestas ocasiões, os redatores do jornal produziram homenagens póstumas, que relembravam a trajetória de vida de seus companheiros de imprensa e salientavam suas virtudes e laços sociais, pedagogicamente construindo modelos de afro-rio-grandenses, possíveis exemplos a serem seguidos pela comunidade negra de Porto Alegre. Cruzamos esses fragmentos biográficos com os livros de Óbitos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e sintetizamos os principais dados na tabela que segue:

Lideranças d' O Exemplo falecidas na década de 1920 e dados dos livros de Óbitos

NOME	CONTRIBUIÇÃO NO JORNALO EXEMPLO	OCUPAÇÃO	DATA DO FALECIMENTO	IDADE AO FALECER	CAUSA MORTIS**	ENDEREÇO	COR**
João Batista da Silva Júnior	Diretor 1917-1920	Funcionário Federal do Foro Acadêmico do Curso de Direito	29/10/1920	29 anos	Septicemia	Rua Gen. Canabarro, nº 23, Centro	Branca
Arthur Pinto Gama	Fundador do Jornal	Funcionário Federal do Tesouro	11/02/1922	58 anos	Paralisia Geral	-	Mista
Felippe Baptista da Silva	Tesoureiro do jornal 1918-1923	Funcionário Federal do Tesouro	05/08/1923	40 anos	Pneumonia	Rua Gen. Canabarro, nº 23, Centro	Mista
Arthur Ferreira de Andrade	Fundador, Primeiro diretor e redator- editor do jornal 1892-1894	Funcionário Federal dos Correios	11/03/1925	54 anos	Uremia	-	Parda
José da Silva Dias	Colaborador e Membro do Núcleo Mantenedor do jornal	Advogado e Juiz distrital	27/03/1925	34 anos	Bacilose Pulmonar	Rua Bento Martins, n° 53, Centro	Mista

¹² Entre os primeiros estudos de biografias de membros do jornal *O Exemplo*, destacam-se as biografias de Dario de Bittencourt, de autoria de José Antônio dos Santos, (2008) e de Aurélio Viríssimo de Bittencourt, de autoria de Paulo Moreira Staudt (2011).

_

Júlio da Silveira	Gerente do jornal na década de 1920	Auxiliar Escola de Engenharia	29/07/1927	43 anos	Nefrite Crônica	Rua 1º de Março Cidade Baixa	Mista
Marcílio Francisco da Costa	Fundador do jornal, primeiro gerente e presidente do NM	Funcionário Público Federal da Alfândega	06/04/1928	52 anos	Febre Tifóide	Rua Demétrio Ribeiro, Centro	Mista
Arnaldo Dutra	Redator-Chefe 1928-1929	Funcionário Público Federal e Médico	20/05/1929	41 anos	Edema agudo do Pulmão	•	Branca

Fonte: Coleção do jornal O Exemplo, 1920-1930, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Estes fragmentos biográficos revelam em primeiro lugar, a importância do emprego público para assegurar a base econômica de uma classe média negra em Porto Alegre na década de 1920. Os dados indicam também, que a maioria dos redatores era composta por funcionários públicos, dos Correios, da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional e da Alfândega. Entre eles, muitos possuíam nível superior, como João Baptista Silva Júnior, José da Silva Dias e Arnaldo Dutra, no caso de João Baptista da Silva Júnior, nível superior incompleto, pois morreu antes de graduar-se no Curso de Direito. Vale destacar ainda, que conforme os registros do Livro de Óbitos, as lideranças do jornal *O Exemplo* falecidas na década de 1920 residiam ou no Centro ou na Cidade Baixa, em Porto Alegre.

Por outro lado, quando se compara as fotografías dessas lideranças negras com o registro da cor nos Livros de Óbitos da Santa Casa, observa-se que entre os oito afrodescendentes falecidos, dois foram declarados brancos, um pardo e cinco mistos e nenhum foi declarado negro, o que aponta para um processo de negociação em torno da cor e também para uma tendência ao "embranquecimento" nos registros oficiais. De acordo com Lilia Schwarcz o conceito de "raça social" explica esse uso negociado da cor e seus efeitos de branqueamento. A autora sugere, na direção apontada por outros autores estudiosos das relações étnico-raciais no Brasil (GUIMARÃES, DOMINGUES), que as negociações em torno da cor estavam relacionadas à situação socioeconômica e cultural dos indivíduos. Enriquecer, ter educação superior, frequentar locais sociais de estrato mais alto, tudo levava a um certo "embranquecimento" (SCHWARCZ, 2012, p. 106). Contudo, na direção apontada por Guimarães (2008), entende-se que essas negociações em torno da cor dos indivíduos negros estavam articuladas às aspirações das novas camadas médias negras por inclusão social mais rápida e abrangente. Nesta direção, considera-se que estabelecer laços familiares, trabalhar regularmente e educar-se eram estratégias que faziam parte da trajetória de vida destes afro-riograndenses, tanto no sentido de enfrentarem os preconceitos étnico-raciais vigentes, como também para buscarem inclusão social na sociedade porto-alegrense. Neste sentido, os fragmentos biográficos de afrodescendentes vinculados ao jornal O Exemplo evidenciam a participação ativa destes sujeitos em redes sociais e culturais diversas no sul do Brasil, contribuindo para a construção de identidades étnico-raciais positivas, mais flexíveis e estratégicas do que se acostumava pensar até recentemente.

^{*}Fonte: Livros de Óbitos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

Referências Bibliográficas:

- BOHRER, Felipe Rodrigues. A Música Na Cadência Da História: Raça, Classe e Cultura em Porto Alegre no Pós-Abolição. Porto Alegre: UFRGS, 2014. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- DOMINGUES, Petrônio. Fios de Ariadne: o protagonismo negro no pós-abolição. *Anos* 90, Porto Alegre, v. 16, n. 30, de. 2009, p. 215-250.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Preconceito e discriminação*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2004.
- MÜLLER, Liane Susan. As Contas do Meu Rosário São Balas de Artilharia: irmandade, jornal e associações negras em Porto Alegre. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. Imprensa Negra no Brasil do Século XIX. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- SALLES, Ricardo, SOARES, Mariza de Carvalho. Episódios de História Afro-brasileira. Rio de Janeiro: DP&A/Fase, 2005.
- SANTOS, José Antônio dos. O Curriculum Vitae como vestígio do passado. Dario de Bittencourt (1901-1974): uma eminência duplamente parda. II Encontro Estadual de História. Associação Nacional de História. ANPUH-RS. 2008.
- _____. Uma Arqueologia dos Jornais Negros no Brasil. História. Rio Grande, 2 (3): 143-160, 2011, p. 143-160.
- ______. Prisioneiros da História: Trajetórias Intelectuais na Imprensa Negra Meridional. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.
- SANTOS, Isabel Silveira. Cultura teatral no Rio Grande do Sul: Raça, Identidade e Pedagogias. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Tese (Doutorado em Educação), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Que Diferença Faz? Os Estudos Biográficos na História do Trabalho Brasileira. In: FORTES, Alexandre. et al. *Cruzando Fronteiras*: Novos olhares sobre a História do trabalho. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, p. 61-76.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- XAVIER, Regina Célia Lima. *Raça, Classe e Cor*: Debates em torno da construção de identidades no Rio Grande do Sul no Pós-Abolição. In: FORTES, Alexandre. et al. *Cruzando Fronteiras*: Novos olhares sobre a História do Trabalho. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013, pp. 103-131.
- ZUBARAN, M.A.; A produção da identidade afro-brasileira no pós-abolição: Imprensa negra em Porto Alegre (1902-1910). Revista de Iniciação Científica da Ulbra, N° 5, 2006, p. 145-156.
- ZUBARAN, M. A.; Comemorações da liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas. *Anos* 90, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p. 161-187, jul. 2008, 161-187.

- ZUBARAN, M. A.; Pedagogias das Comemorações: A reinvenção da memória histórica e a educação dos afrodescendentes em Porto Alegre. *História em Revista* (UFPEL), v. 15, p. 35-48, 2009.
- ZUBARAN, M. A.; A Reinvenção da Abolição e dos Abolicionistas no jornal O Exemplo: Representações e Pedagogias Culturais (1920-1930). Revista de Iniciação Científica da ULBRA, v. n.12, p. 129-140, 2014.
- ZUBARAN, M. A.; Imprensa Negra no Rio Grande do Sul: Raça e Gênero na Campanha ao Monumento da "Mãe Preta" (1920-1930). Revista de História Regional, v. 20, p. 165, 2015.
- ZUBARAN, M. A.; O Acervo do Jornal O Exemplo (1892-1930): Patrimônio Cultural Afro-Brasileiro. Revista Memória em Rede, v. 5, p. 1-16, 2015.

Revisitando O Exemplo: a imprensa negra e os vários sentidos da liberdade

Ana Flávia Magalhães Pinto¹³

Devemos mostrar à sociedade que também temos um cérebro que se desenvolve segundo o grão de estudo a que o sujeitem e, por consequência, que também nos podemos alistar nas cruzadas empreendidas pela inteligência, muito embora algum estulto nos queira acoimar, ou seja porque desconheça as nossas legítimas aspirações, ou seja porque faça parte dos doutrinários que julgam o homem pela cor da epiderme¹⁴.

Às vésperas da chegada de 1893, ao se lançarem à empreitada de promover a "defesa da nossa classe e o aperfeiçoamento dos nossos medíocres conhecimentos", os primeiros editores do jornal *O Exemplo* não só apresentariam um quadro dos desafios colocados à gente negra no pós-abolição, como também uma série de informações consolidadas e outras tantas pistas sobre os sentidos da liberdade ainda em tempos de escravidão. Se há quem diga que o intuito do sujeito coletivo ali afirmado era apenas se integrar ao chamado "mundo branco", é preciso chamar atenção para o fato de que, ao se posicionarem como indivíduos intelectualmente ativos e aptos ao desenvolvimento de suas habilidades, aqueles jornalistas negros reivindicavam o respeito à sua humanidade e, ao mesmo tempo, evidenciavam o quão frágil se mostrava a garantia desse princípio-chave da democracia moderna. Reconhecendo para si os atributos de homens e cidadãos e a universalidade dos direitos associados a essa condição, eles não se queriam brancos para serem humanos. Em vez disso, afirmavam-se negros e, portanto, humanos. Ao assim procederem, ofereciam um complexo registro sobre a sociedade da qual eram parte.

Esse, aliás, foi um procedimento caro a outros jornais da imprensa negra editados no século XIX, tema da minha pesquisa de mestrado e razão da minha participação neste Ciclo de Debates¹⁵. Afora O Exemplo, a base documental da dissertação se constituiu pelos pasquins Mulato ou O Homem de Cor, Brasileiro Pardo, O Cabrito e O Lafuente, publicados na Corte em 1833; O Homem: Realidade Constitucional ou Dissolução Social, impresso que circulou na cidade de Recife em 1876; e A Pátria e O Progresso, ambos editados em São Paulo com o subtítulo Orgam dos Homens de Cor, respectivamente em 1889 e 1899¹⁶. Especificamente sobre o jornal gaúcho, graças à

¹³ Bolsista de Pós-Doutorado na Fapesp vinculada ao Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (Cecult), da Unicamp. Doutora em História Social pela Unicamp (2014), mestre em História pela UnB (2006); graduada em Comunicação Social – Jornalismo pelo UniCEUB (2001). Atualmente também cursa licenciatura em História na Unip. E-mail: anaflavia79@gmail.com.

¹⁴ O Exemplo, 11 de dezembro de 1892, p. 1 (Coleção Oliveira Silveira).

¹⁵ PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, UnB, 2006. Uma versão mais enxuta do trabalho deu origem ao livro: *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

¹⁶ É preciso registrar que, com exceção do jornal O Progresso, referências a esses impressos foram encontradas em: CASTRO, Jeane Berrance de. A imprensa mulata. In: MACHADO, José (org.). Quando a imprensa é notícia, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Temário, 1969; MOURA, Clóvis. Dicionário da Escravidão Negra no Brasil. São Paulo: Editora da USP, 2004; SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1999; LIMA, Ivana Stolze. Cores, marcas e falas: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003; SILVA, Leonardo Dantas. A Imprensa e a abolição. Recife: FUNDAJ: Massangana, 1988; DUARTE, Paulo. História da Imprensa em São Paulo. São Paulo: ECA-USP, 1972; MACHADO, Maria Helena. O Plano e o Pânico: os movimentos sociais na década da

generosidade do pesquisador, poeta, ativista e hoje bem lembrado Oliveira Silveira, pude me debruçar sobre os exemplares da primeira fase que formavam sua coleção particular¹⁷. Na verdade, até mesmo as primeiras informações sobre a existência do jornal me chegaram por meio de uma entrevista que ele concedeu ao site Portal Afro no início dos anos 2000¹⁸. Outros dados foram acessados pouco depois com a leitura do livro *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*, tese de doutorado de Fernando Henrique Cardoso¹⁹. Por razões um tanto diversas, a forma como esses dois pesquisadores lidaram com a mesma fonte foi decisiva para a construção da minha abordagem.

Mais do que utilizar o jornal como fonte para o desenvolvimento de leituras sobre experiências passadas, Oliveira Silveira esteve interessado, desde a década de 1970, na difusão da memória sobre o surgimento da imprensa negra no Rio Grande do Sul: uma iniciativa protagonizada, a partir de uma barbearia na Rua dos Andradas, por um grupo de homens negros letrados e articulados ao círculo político-cultural de Porto Alegre, ainda na última década do século XIX²⁰. Sendo alguém que trabalhava pela imprensa negra, Oliveira também integraria projetos dessa mesma natureza, como a *Revista Tição*, editada entre 1978 e 1980²¹. Ou seja, como pesquisador e jornalista, para ele já naquele momento fazia muito sentido pensar na existência da imprensa negra no século XIX, o que para alguns soava apenas como mistificação ou anacronismo.

Quanto a isso, eu ainda me pergunto: uma vez que mesmo hoje muitos jornais negros não iniciam seus editoriais de lançamento com as palavras: "Aqui está um novo representante da imprensa negra", qual o problema de identificar como imprensa negra jornais escritos majoritária ou exclusivamente por negros, dirigidos a um público negro e abordando assuntos de interesse da comunidade negra, sobretudo, denunciando práticas discriminatórias? Seja nos Estados Unidos, em Cuba, na Jamaica, na Colômbia, na Argentina, no Uruguai ou em qualquer outro país da diáspora, os estudiosos têm pensado experiências dessa natureza como imprensa negra não a partir do registro daquela expressão nas páginas dos periódicos, mas com base em suas características²². Não sendo esse um problema de fundo, então, o que

Abolição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / EDUSP, 1994. Após a finalização da tese, consegui ter acesso ao trabalho de Liane Müller: *As contas do meu rosário são balas de artilharia*. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.

¹⁷ Um dos primeiros estudiosos de *O Exemplo*, Oliveira Silveira faleceu no dia 1º de janeiro de 2009, aos 67 anos.

Cultura e Resistência. *Portal Afro*. Disponível em: http://www.portalafro.com.br/dados seguranca/portoalegre/oliveira/culturaresistencia.htm. Acesso em: outubro de 2015

¹⁹ CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional:* o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

²⁰ SILVEIRA, Oliveira. Três coleções preservam jornal da comunidade negra. *Correio do Povo*, 8 de outubro de 1972 (domingo), p. 22; SILVEIRA, Oliveira. Notícias sobre autores negros na literatura gaúcha. *Revista Porto & Vírgula*, n. 22, agosto de 1995, p. 21-22.

²¹ Revista Tição, n. 1, ano I, março de 1978; n. 2, ano II, agosto de 1979; Jornal Tição, ano 1, outubro de 1980.

²² Cf. entre outros, Hutton, Frankie. *The early Black Press in America, 1827-1860.* Westport, CT: Greenwood Press, 1993; Pride, Armustead S. e Wilson II, Clint C. A history of the Black Press. Whasington, DC: Howard University Press, 1997; Chapeaux, Pedro Dechamps. *El negro en el periodismo cubano en el siglo XIX.* Havana: Ediciones Revolución, 1963; Geler, Lea. *Andares negros, caminos blancos*: afroporteños, Estado y nación – Argentina a fines del siglo XIX. Rosário: Prohistoria Ediciones / TEIAA (Universidad de Barcelona), 2010; Andrews, George Reid. *Los afroargentinos de Buenos Aires.* Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1989; Andrews, George Reid. *Negros en la nación blanca*: historia de los afro-urugayos, 1830-2010. Montevidéu: Libreira Linard y Risso, 2011.

travou por tanto tempo o reconhecimento da imprensa negra como tal por parte da histografia brasileira, que, via de regra, lidou com parte dos jornais da imprensa negra paulista da primeira metade do século XX e ao *Quilombo*, editado pelo grupo de Abdias Nascimento?

Diante daquela lacuna, um detalhe me parecia mais que curioso. Para o caso brasileiro oitocentista, uma das coisas que tive que demonstrar foi que, de fato, as pessoas envolvidas na edição desses impressos eram "homens de cor". "Não seria gente branca falando pelos negros?" Não raras vezes tive que responder a essa pergunta. Mesmo estando em ambientes acadêmicos, havia uma inegável dificuldade de pensar a liberdade negra no período escravista e no imediato pós-abolição e reconhecer o alcance da atuação de homens pretos e pardos, letrados e atuantes na imprensa e na política, cujos pais e/ou avós já haviam até mesmo rompido formalmente com a escravidão. As trajetórias de indivíduos como os Rebouças, Montezuma, Machado de Assis, Luiz Gama, José do Patrocínio, entre outros, não causavam muito impacto, e era difícil assumir os estudos sobre a liberdade negra como algo tão importante quanto os estudos sobre a escravidão.

O costume de restringir a história dos negros antes da abolição aos limites impostos pelo escravismo dificultava, assim, o dimensionamento da viabilidade e da importância dos jornais da imprensa negra no século XIX. Mais ainda, reduzia as chances de assumi-los como registros emblemáticos de como foi se construindo a cidadania especialmente para negros desde, pelo menos, o processo de independência. Felizmente, essa tem sido uma limitação que os estudos sobre liberdade e pós-abolição têm posto em xeque e enfrentado²³. Sobretudo na última década, pesquisas interessadas na fluidez da fronteira entre escravidão e liberdade, o aumento da recepção dos Black and African Diaspora Studies e as novas abordagens da história social do trabalho têm modificado esse cenário. Letramento, afirmação de direitos, articulações políticas, práticas de sociabilidade, muitas são as entradas percebidas para se lidar com a complexidade das experiências registradas em documentos forjados em períodos e locais diversos do Brasil e outras sociedades americanas que vivenciaram a crise e o fim do sistema escravista.

Entre as possibilidades facultadas pelo jornal *O Exemplo*, para voltar ao tema central dessa conversa, destacam-se inúmeras histórias de crimes graves. Crimes esses não os cometidos ou imputados a indivíduos negros, como brigas de rua, embriaguez ou vadiagem, que também eram repreendidos em suas páginas, mas aqueles sistemática e oficialmente perpetrados pelo Estado e cidadãos comuns contra a população descendente de africanos, em sua dimensão coletiva. Trata-se de um painel detalhado da precariedade estrutural da liberdade negra, para utilizar os termos empregados por Henrique Espada Lima e Sidney Chalhoub²⁴, e que evidencia o alcance da violência racial no cotidiano gaúcho e, portanto, brasileiro.

É nesse ponto que o trabalho de Fernando Henrique assumiu relevância como um problema na minha pesquisa. Ainda que tratasse dos embaraços criados pelo preconceito de cor, não por acaso, o aproveitamento que o sociólogo fez da fonte, no

²⁴ LIMA, Henrique Espada. Sob o domínio da precariedade: escravidão e os significados da escravidão e os significados da liberdade de trabalho no século XIX. *Topoi*, v. 6, n. 11, jul.-dez. 2005, pp. 289-326; CHALHOUB, Sidney. A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

21

- 2

²³ Em âmbito nacional, a partir de 2011, as pesquisas com esse foco passaram a contar com um importante espaço de aglutinação, a saber, o GT Emancipações e Pós-Abolição da Anpuh. Para mais informações acessar: https://emancipacoeseposabolicao.wordpress.com/.

capítulo dedicado à vida do negro após "a desagregação do antigo regime" e "na sociedade de classes em formação", convidava a uma série de questionamentos. E, se os limites do argumento de Fernando Henrique Cardoso sobre o sujeito escravizado haviam sido expostos por intelectuais de formação variada²⁵, ainda era a leitura feita por ele que estava autorizada a dar a medida do que teria sido a publicação de *O Exemplo* e o modo de pensar expresso pela "pena tosca dos jornalistas negros", para usar suas palavras.

Pautado num repertório de categorias sociológicas autônomas à experiência observada, na definição de polos de racionalidade e irracionalidade e na rígida datação da experiência da liberdade, muito sob a forte influência da dicotomia senhor-escravo, Cardoso se empenhou em recolher fragmentos documentais que comprovassem, entre outras, a tese da incapacidade de os negros desenvolverem uma percepção apurada de seus reais problemas e antagonistas na sociedade pós-escravidão. Como argumenta:

Mesmo os segmentos da população negra que foram capazes de pensar criticamente acabaram por aceitar como auto-concepção de seus papéis sociais e como auto-explicação de seus insucessos o "estado em que se encontravam", como parte de um grupo "objetivamente" inferior, negando-se a ver nos brancos os fautores dessa situação²⁶.

Esse trecho serve, pois, de introdução a uma citação retirada de um artigo e é apresentada como sendo a opinião do jornal. Ocorre, porém, que a passagem transcrita compõe tão somente um texto de autoria de um colaborador eventual. Tanto mais problemático, Cardoso descaracteriza a polêmica travada entre Miguel Cardoso, o colaborador, e Esperidião Calisto, um dos editores, entre junho e agosto de 1893, sobre a relação entre a reduzida participação de crianças negras nos espaços escolares e o peso do preconceito de cor²⁷. O primeiro, numa argumentação bem dissonante da linha editorial de *O Exemplo*, defendia que a responsabilidade pela baixa escolaridade dos negros não estava no preconceito de cor, mas na falta de compromisso dos pais com a educação das suas crianças. Fernando Henrique valeu-se, então, apenas dos argumentos de Miguel, bastante questionados por Calisto, como prova para a força de sua tese de que "os negros acabaram por aceitar a representação que os brancos faziam deles e a legitimidade da ideologia da 'sociedade sem preconceitos' que lhes foi imposta"²⁸.

Coube, portanto, explicitar como os dados aproveitados por Cardoso apareciam de uma forma um tanto mais complexa nas páginas de O Exemplo e que, justamente por ser um espaço aberto a diferentes sujeitos negros – portanto, com interpretações diversas sobre o vivido - o periódico foi oportuno para o registro das diferentes trajetórias na liberdade que antecederam o fim legal da escravidão na província e no país, bem como após a universalidade formal da cidadania.

Para além de negar a possibilidade de o escravizado ter um entendimento complexo sobre si e a dinâmica social na qual estava inserido, o pensamento de

²⁵ CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade*: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; ANDREWS, George R. *Negros e brancos em São Paulo*: 1888-1988. Bauru: Edusc, 1998; RIOS, Ana L. e MATTOS, Hebe Maria. *Memórias do Cativeiro*: Família, Trabalho e Cidadania no Pós-Abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2005.

²⁶ CARDOSO, Capitalismo e escravidão no Brasil meridional..., p. 323.

²⁷ O Exemplo, 25 de junho de 1893; 2 de julho de 1893; 16 de julho de 1893; 23 de julho de 1893; 6 de agosto de 1893.

²⁸ CARDOSO, Capitalismo e escravidão no Brasil meridional..., p. 324.

Cardoso também não me parecia razoável na medida em que simplificava a experiência da população negra livre e liberta. Se o escravo rural e até mesmo urbano era entendido como alguém que "atuava unicamente como mão de obra reificada", que "não podia tomar consciência da sociedade como um todo nem do sentido que sua situação de dependência adquiria no contexto social"; o livre, ou melhor, o liberto no pós-abolição figurava como um sujeito também incapaz de compreender a totalidade de sua experiência, procedimento pretensamente fácil ao intelectual versado em tratados das ciências sociais nacional, europeia e estadunidense.

A ideia de integração social como chave de leitura para as experiências negras após a saída da escravidão, forçadamente delimitada pelos marcos de 1884 e 1888, acabou servindo como impeditivo para que o autor desconfiasse dos percursos trilhados por gerações anteriores na liberdade, o que está, senão registrado, ao menos sugerido nas páginas do jornal. Não é demais dizer que esse apelo ao alegado anseio por integração por parte dos negros acaba por escamotear um dado óbvio da realidade vivida: não havia outro espaço de sociabilidade para os escravizados, libertos e livres que não a própria sociedade gaúcha ou brasileira, a depender da escala escolhida. Foi da interação com o meio social e da manutenção de práticas culturais específicas que homens e mulheres de cor, como qualquer outro grupo humano, ao longo da vida e não só após a abolição, forjaram seus entendimentos sobre família, trabalho, lazer, relações de poder, sonharam e buscaram alcançar seus anseios.

Hoje parece até ingenuidade falar tudo aquilo negligenciando o fato de que tantos homens e tantas mulheres, como registrado no Censo de 1872, eram livres e há tempos investiam em seu lugar de cidadãos/ãs brasileiros/as e pelejavam para ser respeitados/as como tal. Mas as lentes ofuscadas por uma espessa camada de categorias analíticas preestabelecidas para o trato das fontes não permitiram a Fernando Henrique Cardoso alcançar os significados complexos de empreitadas como a fundação da Sociedade Floresta Aurora, em dezembro de 1872.

Tal como Melville Herskovits defendera que herança cultural africana havia se perdido entre os negros dos Estados Unidos, como resultado de um processo de embranquecimento e assimilação, Cardoso acabava aplicando a fórmula para o caso do negro no Brasil meridional, tomando os registros do jornal *O Exemplo* como testemunha.

A cultura dos grupos africanos fora destruída sistemática e deliberadamente pelos senhores brancos; as formas de ser dos negros reduziram-se aos padrões de sentimento e comportamento que os brancos criaram para melhor explorá-los e nelas socializaram-nos. Por isso, os negros tiveram de empreender a lenta reconstrução de si como pessoas a partir do símile existe e possível: o ideal de personalidade do negro resumia-se à reprodução em sai da imagem onipresente do branco²⁹.

Nada menos sustentável para a abordagens sobre dinâmicas culturais e de relações de poder entre grupos socialmente desiguais³⁰.

Ao fim e ao cabo, pela interpretação de Fernando Henrique Cardoso, a última coisa que teríamos era o reconhecimento da presença de uma intelectualidade negra

³⁰ SCOTT, James. *Domination and the Arts of Resistance* – hidden transcripts. New Haven e Londres: Yale University Press, 1990.

²⁹ CARDOSO, *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional...*, p. 324. Cf. HERSKOVITS, Melville. The Myth of the Negro Past. Nova York e Londres: Haper & Brothers Publishers, 1941.

apta a questionar em perspectiva radical as bases da estrutura social que rebaixava a cidadania e o sujeito negro. Tal como disseram seus interlocutores para o caso estadunidense, no Brasil meridional, os negros haviam chegado à beira da completa redução de sua autonomia. Na contramão dessa leitura, as perspectivas abertas pelos estudos pioneiros de Oliveira Silveira e Liane Müller têm demonstrado que os eventos e fatos da liberdade não são tão simples assim.

Progresso e civilização no jornal O Exemplo.

José Antônio dos Santos³¹

O jornal O Exemplo, publicado em Porto Alegre de 1892 ao início de 1930, é um dos periódicos que formam o que entendemos como imprensa negra no Rio Grande do Sul. É formada por uma série de jornais publicados pela população negra no Estado que tinham como objetivos ser meios de comunicação entre eles, e denunciar o racismo e o descaso em que haviam sido relegados desde a abolição.

A partir do editorial do primeiro número d'O Exemplo pode-se verificar o ímpeto transformador e a proposta arrojada dos negros letrados que o criaram, estavam imbuídos de reivindicações sociais e de um projeto coletivo que visava mudar aquela situação, vejamos:

Diante dessa espécie de torpor, dessa letargia, desse marasmo intelectual em que no nosso meio social têm vivido espíritos aliás aproveitáveis, tivemos a justa aspiração de arrancá-los a essa indolência moral para que juntamente conosco consagrassem uma parte dos seus labores, posto que diminuta, à grandiosa empreitada do porvir e apreciação do presente.³²

A mensagem acima estava contida num parágrafo que pode ser caracterizado como um diagnóstico daquela realidade, marcada pelo "torpor, letargia e marasmo intelectual", em que os redatores visualizavam o público leitor do semanário. Mais do que isso, era uma realidade que eles tinham a pretensão de mudar, na qual o problema da falta de "instrução" era identificado como um dos mais graves a atingir a população negra. O objetivo era retirar da "indolência moral" aqueles "espíritos" que faziam parte do meio social em que viviam e com os quais pretendiam compartilhar conquistas e transformar cotidianos. Com os pés firmes naquele presente pós-abolição, mas com os olhos voltados ao futuro, os emissores daquele discurso buscavam inicialmente alguns interlocutores junto ao meio social do qual diziam fazer parte.

Os receptores aos quais foi dirigida a mensagem veiculada no jornal formavam uma parcela dos porto-alegrenses, e eram representados como sujeitos à apreciação moral do restante da sociedade em que estavam imersos o que ampliava o quadro da recepção do jornal para além do grupo imediato a que se dirigia. Os redatores não escreviam apenas para os seus pares de letrados e demais leitores do meio social a que diziam pertencer. Eles escreviam também para os colegas jornalistas e para os moradores da cidade que eram convidados a ver os negros de outra perspectiva não mais restrita aos preconceitos da época anterior. Os redatores, negros letrados, mostravam-se preparados, e buscavam trazer os "irmãos da raça" para o aprendizado do cultivo das "letras" e da "ciência", que eram entendidas pela elite intelectual como os principais mecanismos que levariam o Estado, mais do que o país, para o conclave dos povos civilizados.

Segundo Silveira (2005, p. 120), no último quartel do século XIX e no início do século seguinte, o nosso Estado era tido do seguinte modo:

"Visto como exceção etnológica, o Rio Grande do Sul figurava nas reflexões sobre o Brasil mediante descrições que faziam com que ora parecesse cercado pela aura de uma ilha ariana em meio a um mar de

_

³¹ Doutor em história, pesquisadore e servidor da UFRGS.

³² (O Exemplo, 11/12/1892.)

mestiços, ora como um risco ou, no mínimo, um desafio à unidade nacional."

A narrativa identitária construída pelos intelectuais sul-rio-grandenses reforçava aquelas representações propostas pelos intelectuais do centro do país, tanto em termos de constituir-se no Estado mais europeu do Brasil, como no sentido de ter características mais próximas com os países platinos do que com o restante da nação. Embora descritas como sendo exclusividade do "centauro dos pampas", a "exceção etnológica" do Rio Grande do Sul com relação aos demais estados do Brasil, não escapou do cientificismo dos discursos médicos, criminológicos e eugênicos, que passaram a fazer parte dos debates intelectuais gaúchos sempre em franco diálogo com o que grassava no centro do país. O cultivo das letras e da ciência, assim como da civilização e do progresso, eram paradigmas europeus que se espalhavam pelo mundo todo.

Aquele diagnóstico da realidade, segundo os redatores do jornal, era caracterizado, dentre outras palavras, pelo baixo nível de consciência, inatividade e indiferença a estímulos exteriores, e definia-se em termos muito próximos dos discursos científico, médico, higienista e criminológico da época. Os indivíduos nasceriam com predisposições atávicas hereditárias, geralmente definidas em termos raciais e geográficos que, no caso dos descendentes dos povos africanos, limitariam o entendimento da realidade e o acesso a melhores condições sociais. As expressões que os redatores do jornal *O Exemplo* se utilizaram, como "marasmo intelectual", "torpor", "letargia e indolência moral", eram expressões com livre trânsito naquela sociedade, geralmente usadas pela elite letrada como atributos que representavam os "pobres da cidade" de forma estereotipada.³³

A partir de preceitos orgânicos e naturalistas definidos em termos de um organismo vivo, sujeito a doenças e infecções que levavam à prostração e à decadência moral, os pobres eram descritos como elementos nocivos ao convívio social. Devo ressaltar que essa concepção ideológica não se restringia apenas ao plano do discurso, era posta em prática pela sociedade hegemônica representada no Estado positivista, reconhecido como o agente público que deveria tomar medidas profiláticas que resguardassem a ordem, o progresso e a civilização.³⁴

Os articulistas do jornal O Exemplo, imersos naquele ambiente em que africanos e descendentes eram associados à vagabundagem e ao crime, utilizavam-se do mesmo vocabulário da elite, embora tivessem a pretensão de superar os estereótipos atribuídos ao descrever os "irmãos de cor" de forma otimista como "espíritos aproveitáveis". Eles demonstravam certo otimismo ao lançarem a proposta de um projeto futuro no qual se acreditava em tempos melhores, com acesso à educação, ao

26

.

³³ Segundo Pesavento (1994), os "pobres da cidade" de Porto Alegre, no período em foco, eram operários, prostitutas, ladrões, criminosos, vagabundos e negros, ou seja, todos aqueles indivíduos ou grupos que foram alçados à tona a partir da abolição e que eram descritos nos jornais da época como sendo um problema ou "questão social" para ser resolvida. Embora considere a multiplicidade dos protagonistas da questão social, ela usou a categoria de *subalternos* para agrupar personagens tão díspares, numa tentativa de escapar ao conceito de classe. Isso redundou numa interpretação monolítica que amalgamou populares, operários, libertos e proletários, reduzidos, mais do que a um mesmo conceito, aos mesmos limites impostos a grupos que tiveram origens étnicas e sociais e opções de inserção social completamente diferenciadas.

³⁴ Para Schwarcz (1993, p. 58), civilização e progresso eram termos correntes na época, entendidos não enquanto conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como modelos universais pelos quais todas as sociedades deveriam passar do estágio mais simples ao mais complexo em direção à evolução da humanidade.

mercado de trabalho assalariado e aos direitos civis. Estavam em processo de adaptação ao período inicial da recém-conquistada liberdade e a intenção era mostrarem-se distantes da escravidão e próximos do que prescrevia a "boa sociedade". Muitos deles tinham uma memória do cativeiro, mas era a partir das perspectivas abertas pela abolição que eles se apresentavam à classe dos letrados da capital. Outros tempos exigiam novos termos e atributos sociais reconhecidos para entrar na arena das disputas por direito e trabalho.

O objetivo era construir uma imagem pública positiva sobre os negros, e para isso eles deveriam ter um veículo de representação política que era o jornal. Nesse sentido, era fundamental o domínio dos códigos da leitura e da escrita e maior conhecimento dos direitos civis para buscar a igualdade perante a lei. Como os demais brasileiros, eles demonstravam-se sujeitos às regras sóciojurídicas da época e era a partir dessa condição que exigiam o direito à igualdade de tratamento. Por exemplo, entre os vários casos de perseguições policiais e atitudes racistas divulgadas no jornal, destaco o relato da invasão ao salão do Floresta Aurora na véspera do natal. O "vexame" teria sido realizado por um grupo de rapazes embriagados que pertenciam a "alta sociedade" da capital. Os redatores d'O *Exemplo* chamavam a atenção para o descaso das autoridades policiais que: "[...] não respeitaram nosso direito de equidade negando-nos aquilo que, como cidadãos temos direito – a igualdade perante a lei e o respeito inquebrantável à nossos direitos civis". 35

O vexame maior parece não ter sido apenas a atitude dos rapazes que entraram, sem convite ou autorização, naquele espaço tradicional dos negros porto-alegrenses, mas a desconsideração dos policiais. Ao que parece, os "homens da lei" nada fizeram para proteger as famílias negras que estavam reunidas para comemorar a data natalina, ao serem chamados para intervir no acontecido, os policiais teriam se omitido e até reforçado os insultos sofridos pelos negros.

Aqueles que escreveram o editorial de fundação d'O Exemplo admitiam a condição simples e recém-letrada, demonstrando certo ar de humildade forçada que era comum entre os pretendentes aos foros da intelectualidade da época. Eles possuíam "conhecimentos" que já lhes davam condições de destaque em relação à grande maioria da população analfabeta de Porto Alegre e apontavam uma das principais estratégias para a ascensão social daquele grupo — a instrução. Ao afirmarem o objetivo de aperfeiçoarem os "nossos medíocres conhecimentos", ratificavam, com o uso do pronome, a escolha por um grupo social específico — negros letrados que possuíam certo conhecimento e que desejavam aprimorá-lo. Igualmente, eles adiantavam uma das principais preocupações da imprensa negra brasileira ao longo de boa parte do século XX: o problema da falta de acesso à educação.

A "instrução", entendida como a capacidade de saber ler, contar e escrever tinha também a acepção de aprimoramento técnico necessário para ocupar o mercado de trabalho. O músico, o carpinteiro, o pedreiro, o marceneiro, o sapateiro, o alfaiate, o agricultor, todos enfim precisavam dos "conhecimentos" advindos da instrução primária que fosse para melhorar seus afazeres cotidianos. Para todos que faziam parte da "classe popular", a instrução representava a perspectiva para a superação das barreiras que os restringia aos afazeres como artífices ignorantes e que os impedia de conquistar outros espaços laborais mais modernos. Cabe lembrar que essa não era

.

³⁵ "Mais um vexame". (O Exemplo, 01.01.1893.)

uma "estratégia étnica" exclusiva dos negros, muito menos representava a única alternativa de inclusão e mobilidade social.³⁶

Aos negros, a instrução significava uma das possibilidades de superar as condições de trabalhador braçal que remetia à escravidão, também abria a perspectiva de ocupar uma posição social como "homem letrado", que era um lugar social representado na imprensa negra como intangível ao preconceito. A instrução mostrava-se como um passaporte para a mobilidade social e para o conhecimento dos direitos civis, descrita muitas vezes como uma das estratégias políticas disponíveis aos negros. Por outro lado, foi preciso que os jornalistas negros fundamentassem mecanismos sociais para que os periódicos se reproduzissem como meio de defesa dos seus interesses.

Roger Chartier há algum tempo nos alertava sobre a história das práticas de leitura em objetos impressos e a multiplicidade de "aptidões e expectativas" que rondam um único texto. O leitor está dotado de uma série de variáveis que vão desde a idade (criança, jovem, velho), passando pelos gêneros (masculino, feminino), até a capacidade de entendimento do próprio texto (alfabetizado ou incapaz de compreender um texto), entre outras, o que proporciona certo grau de autonomia ao ato de ler. Assim, a leitura entendida como a capacidade de interpretar e dar significados diferentes ao mesmo texto, não é simplesmente algo que está inscrito no próprio artefato impresso que é dado a ler.

Segundo Chartier (1992, p. 214), "[...] ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores [...]", mas que traz em si elementos explícitos e implícitos inscritos nos textos que nos indicariam quais são as leituras/interpretações autorizadas pelos escritores. Não apenas os textos, mas também as "leituras possíveis" estariam costuradas aos níveis do entendimento de um grupo de leitores/produtores ou "comunidades interpretativas", cujos membros compartilhariam as mesmas perspectivas de leituras e estratégias de interpretação.

Os assinantes deveriam pagar as mensalidades para que os jornais continuassem desenvolvendo o seu "programa", o que se constituía como um gesto repleto de significados que não pode ser entendido como uma simples opção. Havia uma grande quantidade de publicações para escolha e, portanto, colocar-se como assinante ou leitor da imprensa negra era assumir a possibilidade de ser visto e reconhecido como tal, o que pode ser compreendido como um gesto político que identificava aqueles que constituíam a "classe" negra. As vendas avulsas eram realizadas nos eventos sociais, nas redações dos jornais e em alguns estabelecimentos comerciais, lugares que podiam preservar o anonimato do comprador-leitor naquela sociedade em que os partidos políticos dividiam o Estado, mas é plausível acreditar que a maior fonte de renda para manutenção dos jornais vinha das assinaturas que ratificavam a opção do leitor pela publicação específica do meio negro.

As divulgações das listas com os nomes daqueles que haviam deixado de pagar as mensalidades, semestralidades ou anuidades, bem como os apelos para que os assinantes pagassem suas assinaturas, eram recorrentes nas páginas dos jornais. Os

³⁶ Os imigrantes europeus que chegaram ao Estado no final do século XIX, embora as diferenças, também fundaram seus próprios jornais e construíram suas escolas, a questão da "instrução" também era recorrente entre eles. O jornal *A Liberdade*, p. ex., nos mostra essa preocupação, assim como as fissuras políticas e sociais no que geralmente é representado como **a** "colônia italiana", nenhum grupo étnico é homogêneo em termos de escolhas de estratégias de mobilidade e disputas sociais que contemplem a todos. *Liberdade*. Porto Alegre, n. 1, 10 de junho de 1927.

valores cobrados pelos exemplares também nos dão algumas pistas de que o poder aquisitivo dos leitores era baixo, mesmo consideradas as diferenças dos anos das publicações que são próximas para variarem em termos de condições macroeconômicas, ou em termos de variações sócioculturais entre a capital e o interior do Estado, os valores cobrados por cada jornal eram pequenos, comparados com valores de produtos de primeira necessidade como um quilo de carne ou arroz.³⁷

Finalmente, os redatores dirigiam-se a leitores preferenciais que conheciam em termos de realidade sócio-cultural, e os discursos que proferiam, em termos de progresso e civilização, eram polifônicos no sentido de que procuravam atingir diferentes interlocutores: negros letrados e analfabetos, demais jornalistas e elite intelectual.

Referências Bibliográficas:

PESAVENTO, Sandra J. **Os pobres da cidade:** vida e trabalho, 1880-1920. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças.** Cientistas, instituições e a questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SILVEIRA, Éder. **A cura da raça:** eugenia e higienismo no discurso médico sul-rio-grandense nas primeiras décadas do século XX. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2005.

37 A divulgação dos valores para os pagamentos "adeantados" vinham em lugar de destaque na capa ou logo na segunda página em quadros bem definidos. Os exemplares saíam a 10\$000 por ano, 5\$000 por semestre, 3\$000 por trimestre e 200 centavos de réis o avulso. A distribuição no interior do Estado tinha os seguintes valores: 12\$000 a anuidade, 6\$000 o semestre e 4\$000 o trimestre.

29

Jornal O Exemplo: raça, política e imprensa durante o pós-abolição

Marcus Vinicius de Freitas Rosa*

Na bibliografia dedicada à análise do contexto pós-abolição há certo consenso a respeito do fato de que os negros foram mais estudados no período pré-1888 e, portanto, como escravos; depois da Lei Áurea, a historiografia deslocou o foco para os grupos de imigrantes, suas experiências de trabalho e suas organizações políticosindicais. Esta escolha tem reforçado a tendência historiográfica que dá mais visibilidade aos imigrantes, como se os negros não tivessem participado das lutas e formas associativas proletárias durante o período pós-abolição, momento em que parecem ter "sumido" das análises históricas especializadas. ³⁸ No Rio Grande do Sul, essa invisibilidade fica ainda mais acentuada devido à longa e persistente construção da história e da imagem da província gaúcha como "lugar de europeus" desde o início do século XIX. ³⁹

Acontece que, em 1892, a Rua da Praia, nº 247, era o endereço do Salão Calisto, pequena barbearia pertencente a Esperidião e seu irmão, Florêncio. Foi ali, em um pequeno quarto situado nos fundos do lugar, que os irmãos Calisto, junto com amigos e clientes, tiveram a ideia de fundar um jornal. Inicialmente localizado na "cidade alta", o pasquim transitou por diferentes espaços de Porto Alegre, enfrentou recorrentes dificuldades financeiras, renovou os integrantes de sua redação, atravessou contextos bastante variados e foi – com interrupções diversas – publicado entre 1892 e 1930. Chamava-se O Exemplo, um jornal redigido por homens "de cor". ⁴⁰

Classificado como "imprensa negra", O Exemplo tem sido muito pouco utilizado como fonte nos estudos sobre a história social do trabalho, que se valem mais dos jornais considerados "de operários". Por outro lado, alguns estudos sobre o período pós-abolição têm se valido d'O Exemplo como fonte e objeto de análise, escolha orientada pelo objetivo de desconstruir a invisibilidade negra na província gaúcha. Esses estudos apontam que, entre os negros, as noções raciais biológicas e científicas deram lugar às concepções culturais, sociais e políticas da raça, entendida como um nexo para construir solidariedades, cuja finalidade era reivindicar direitos. Por fim, é unanimidade que a população negra buscou a instrução como via de assimilação social.⁴¹

O imediato pós-abolição, momento em que surgiram diversas sociedades de cor na província gaúcha, foi também o período em que as agremiações de classe apareceram em profusão, e os negros participaram ativamente das duas formas

^{*} Marcus Vinicius de Freitas Rosa é Doutor em História Social da Cultura pela UNICAMP. Atualmente, é Técnico em Assuntos Educacionais da UFRGS, atuando como pesquisador junto ao Centro de Referência em Direitos Humanos do Instituto de Psicologia da UFRGS.

³⁸ ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: Edusc, 1998; LARA, Silva Hunold. Escravidão, Cidadania e História do Trabalho no Brasil. *Projeto História*, São Paulo, (16), fevereiro, 1998.

³⁹ ROSA, Marcus. Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição (1884-1918). Tese de Doutorado, UNICAMP. Campinas, 2014.

⁴⁰ Este artigo é um resumo do Capítulo 4 de minha tese de doutorado, intitulado "O Exemplo e a Liga dos Homens de Cor". pp. 235-296. ROSA, Marcus. Ibidem.

⁴¹ PINTO, Ana Flávia Magalhães. De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899). Dissertação de Mestrado. UNB, Brasília, 2006; SANTOS, José Antônio dos. *Prisioneiros da História: trajetórias intelectuis na imprensa negra meridional.* Tese de Doutorado. PUCRS, Porto Alegre, 2011.

associativas. Os jornalistas d'O Exemplo adquiriram larga experiência política atuando tanto em agremiações "de cor" quanto em associações "de classe". Trata-se, portanto, de um empreendimento editorial que se presta perfeitamente para análise dos vínculos entre classe e raça. Os indivíduos que passaram por sua redação desempenharam atividades muito variadas ao longo de suas vidas e, quando participaram do semanário, o jornalismo não era a sua única ocupação. A maioria deles manteve relações com o Partido Republicano Rio-Grandense; muitos escreveram em outros jornais, especialmente operários; e é impressionante o trânsito desses homens negros pelas mais diversas agremiações de cor, de classe, de profissão, incluindo sociedades teatrais, bailantes, recreativas e religiosas, sobretudo a Irmandade do Rosário.

Esperidião Calisto, um dos fundadores d'O Exemplo, foi também um dos seus integrantes mais ativos e permanentes. Nascido em meados da década de 1860, desempenhava a ocupação de barbeiro em 1892 e, nos anos seguintes, constou como "operário" nos alistamentos eleitorais. Além disto, seu nome integrou uma longa lista de eleitores do Partido Republicano Rio-Grandense. Da mesma forma que outros companheiros de redação, Calisto se tornou funcionário público. Seu colega, Pedro Tácito Pires, tipógrafo, surgiu como redator, em 1902, e chegou a diretor do jornal, em 1904. Neste mesmo ano, prestou concurso para professor da instrução pública. Foi articulista do jornal A Ordem, publicado em Itaqui, e coordenou a fundação de uma associação de professores, em 1918. Casou-se com a também professora pública Sophia Ferreira Chaves, que redigia nas páginas d'O Exemplo e assinava como "Pepita".

O historiador José Antônio dos Santos já observou que o emprego em serviços públicos, por meio das relações de apadrinhamento mantidas com autoridades do Partido Republicano Rio-Grandense, e o ingresso em carreiras burocráticas, por meio de concurso público, foram características comuns a vários jornalistas d'O Exemplo. Além disso, muitos atuaram em instituições militares. João Baptista de Figueiredo, por exemplo, foi alferes da Guarda Nacional e comandante do piquete do Presidente da Província, milícia da Brigada Militar Estadual, função indicativa de proximidade com o governo republicano. Atuou ainda no Jornal do Comércio, junto com o pardo Aurélio Viríssimo de Bittencourt, destacado burocrata e republicano. Já Alcebíades Azeredo dos Santos, além de jornalista, foi advogado e tenente da Guarda Nacional. O gerente d'O Exemplo em 1902 chamava-se Vital Baptista, alfaiate; apoiou o Partido Repúblicano Rio-Grandense; foi membro da Sociedade Floresta Aurora; membro da Sociedade Dramática José do Patrocínio; e membro da Banda Lyra Oriental (agremiação situada no Areal da Baronesa).

No que dizia respeito às formas de garantir o sustento, havia óbvias distinções entre os jornalistas d'O Exemplo, e mesmo certas trajetórias individuais evidenciam o desempenho de diferentes ocupações ao longo da vida. O ingresso na redação d'O Exemplo acabava propiciando uma aproximação entre homens "de cor" já melhor colocados socialmente e aqueles que viviam em condições menos privilegiadas. Esta variedade ocupacional, entretanto, não impede que sejam identificadas certas características comuns: ainda que se saiba muito pouco acerca das formas como receberam instrução, eles sabiam ler e escrever, habilidade intelectual fundamental – e eles sabiam disso – para credenciá-los não apenas ao jornalismo, mas também aos concursos públicos e à participação eleitoral em uma sociedade que negava o voto aos analfabetos. "Ler e escrever", registrou um deles, eram "predicados tão necessários a

⁴² SANTOS, José. Op. Cit. p. 128; p. 143; p. 160.

qualquer individuo para assim gozarem dos seus direitos de cidadão". 43 Mas, afinal, para quem eram dirigidas as suas páginas?

O historiador que, para compor seu objeto de estudo, selecionasse nas páginas d'O Exemplo apenas as notícias acerca das experiências e iniciativas operárias – e elas eram profusas – chegaria facilmente à conclusão de que o semanário escrito por homens de cor era, na verdade, um panfleto proletário, já que eles deixaram bastante evidente que, na luta de classes, integravam o grupo dos trabalhadores. Atuar como um canal de publicidade para as demandas mais gerais do operariado e manter a interlocução com vários pasquins escritos por imigrantes europeus não fazia com que O Exemplo deixasse de ser reconhecido como defensor da "raça negra"; sinal de que o movimento operário organizado reconhecia suas alteridades étnico-raciais internas, apesar do estabelecimento de trocas e da criação de vínculos políticos.

Ao mesmo tempo, O Exemplo tomava a população negra como alvo central. Nesse sentido, convém prestar atenção às expressões utilizadas ao interpelar os leitores. "O homem de cor em particular e o proletário em geral" que não prestigiassem o semanário, fosse por meio da assinatura, fosse por meio da mera leitura de um exemplar tomado de empréstimo, estariam cometendo "o assassinato de seus direitos e o suicídio de sua dignidade". 44 Ainda que as páginas do jornal tivessem um duplo destinatário, seus remetentes empregavam termos autoclassificatórios e, assim, demarcavam uma identidade racial por dentro das classes trabalhadoras: tratava-se de um jornal "para nós outros, os negros, e para os que, não sendo, não passam de humildes proletários". 45 Em outros momentos, reivindicaram uma ascendência que os vinculava à África: "nós, os descendentes de africanos", afirmava um artigo. 46 Aos "homens de cor preta" os redatores clamavam, dizendo: "auxiliai-nos, assinando O Exemplo"; como justificativa, ofereciam o argumento de que não se tratava de mais um "jornal mercantil", mas um "órgão de nossos interesses", um "propagador incansável do melhoramento moral e intelectual dos nossos", um "advogado enérgico na defesa de nossos direitos". 47 Ao usar a expressão "dos nossos", os articulistas tomavam por alvo uma ampla parcela da população porto-alegrense, que poderia ser classificada de diferentes formas: "pretos", "negros", "de cor", "descendentes de africanos". O semanário propunha-se a representar os anseios de cidadania mantidos pelos setores de pele escura das classes proletárias porto-alegrenses no início do século XX.

O Exemplo exercia severa criticidade a respeito das expressões que compunham o vocabulário racial do período. Ao se apropriarem da imprensa, seus redatores participaram do debate político sobre os significados da cor. Em outubro de 1902, podia-se ler a nota intitulada "Como somos tratados". Nela, explicava-se que o termo "crioulinho" — empregado com frequência nas páginas do jornal republicano A Federação — já não tinha razão de existir, pois era usual nos tempos anteriores à Lei Áurea e significava "negro escravo nascido em casa de seus senhores". Era inaceitável que, em tempos de liberdade, fosse empregado um termo escravista para referir um cidadão livre. Em 1904, jornalistas d'O Exemplo atacaram abertamente não só o Correio do Povo, mas também o Jornal do Comércio, por meio de uma nota que dizia assim: "se crioulo quer dizer 'de cor preta', só há para nós uma vantagem nesta seleção, e é esta:

⁴³ O Exemplo, 22.08.1909, p. 02.

⁴⁴ O Exemplo, 02.10.1904, capa.

⁴⁵ O Exemplo, 25.11.1902, capa.

⁴⁶ O Exemplo, 11.12.1904, capa.

⁴⁷ O Exemplo, 02.10.1904, capa.

saber-se pela cor da pele a tendência dos indivíduos para o crime". Os articulistas assim reclamavam da persistente atitude de identificar por meio da cor somente os criminosos negros, omitindo a demarcação racial quando os delinquentes eram brancos: "enquanto na primeira notícia se vê um crioulo, se contam na segunda dois ladrões incolores". O Exemplo explicava a seus leitores que realizar o registro da cor somente quando se tratava de pessoas negras era uma forma de estender para a liberdade os estigmas da escravidão: "isto de, nos jornais, quando se referem a qualquer fato, nos tratarem o crioulo Antônio, o mulato Paulino [...] é devido ao maldito hábito adquirido no tempo da escravatura". AP Por conta de sua postura crítica em relação ao emprego do vocabulário racial, O Exemplo, na definição de um dos seus próprios articulistas, distinguia-se dos "jornais de brancos". De fato, os redatores do jornal identificavam-se como negros e, ao agir assim, atribuíam sentidos particulares e positivos à própria identidade racial; entretanto, entendiam que a identificação por meio da cor nas crônicas policiais dos "jornais de brancos" era uma forma de aproximação com o cativeiro e, portanto, com a condição de não-cidadão.

Os jornalistas negros percebiam a disparidade das formas de referência à cor, bem como os significados políticos daquela desigualdade: a pele alva, tradicionalmente associada à liberdade e, portanto, à cidadania em tempos de escravidão, não cumpria a função de negar cidadania em tempos de liberdade. Em suma: para os redatores d'O *Exemplo*, gente branca não era identificada e nem criminalizada por meio da cor. O barbeiro Esperidião Calisto tinha consciência de que o jornal que ele ajudara a fundar em 1892 era uma "nota dissonante" na imprensa local, motivo pelo qual o periódico não contava com aceitação e compreensão irrestritas. Conforme um artigo de Esperidião, a partir do momento em que um grupo de homens negros organizados passou a reivindicar a "partilha de regalias" e a "equidade de direitos", surgiram acusações que atribuíam aos homens "de cor" a iniciativa de criar cisões raciais inexistentes na sociedade brasileira, ou seja, um grupo social formado por critérios raciais.⁵⁰

"Hoje em dia" — disse Espiridião Calisto em 1908 — "dá-se valor a quem tenha mérito". Segundo o jornalista, tal valorização representava a negação dos "princípios de solidariedade"; e, no mesmo sentido, acrescentou mais adiante que o "mérito" era defendido pelos "indiferentes aos males do próximo", por quem ignorava os "desprotegidos da sorte", por quem pregava que os homens deveriam agir "cada um para si". Esperidião Calisto estava atacando o liberalismo individualizante, cujas premissas colocavam sobre os negros em particular e sobre os subalternos em geral a responsabilidade por sua própria condição subalterna, situação que poderia ser superada pelo esforço próprio e pelo merecimento. E foi assim que um barbeiro nascido no século XIX expressou muito bem os termos de um debate que ecoaria por muito tempo no Brasil dos séculos XX e XXI.

Referências Bibliográficas:

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo* (1888-1988). Bauru: Edusc, 1998. LARA, Silva Hunold. Escravidão, Cidadania e História do Trabalho no Brasil. *Projeto História*, São Paulo, (16), fevereiro, 1998.

⁴⁸ O Exemplo, 31.07.1904, capa; p. 02.

⁴⁹ O Exemplo, 01.08.1909, capa.

⁵⁰ O Exemplo, 17.11.1908, capa.

- PINTO, Ana Flávia Magalhães. De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899). Dissertação de Mestrado. UNB, Brasília, 2006.
- ROSA, Marcus. Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição (1884-1918). Tese de Doutorado, UNICAMP. Campinas, 2014.
- SANTOS, José Antônio dos. Prisioneiros da História: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional. Tese de Doutorado. PUCRS, Porto Alegre, 2011.

Apresentação IHGRGS – Grupos Teatrais integrantes d'O Exemplo

Felipe Bohrer

Esta apresentação tem por objetivo acompanhar como algumas pautas e reivindicações políticas defendidas pelos redatores e colaboradores do jornal *O Exemplo* se efetivavam na vida cotidiana por meio das atividades artísticas, mais especificamente o teatro e a música. Para este caso, serão acompanhados alguns grupos de teatro que estavam inseridos na ampla rede de associações civis da comunidade negra de Porto Alegre no período entre 1908 e 1918. São eles: Grêmio Dramático José do Patrocínio (1908-1910), Grêmio Dramático Arthur da Rocha (1916), Grêmio Dramático Carlos Gomes (1917) e Euterpe Club (1917-1918). Estes grupos teatrais eram integrados, em grande parte, por lideranças negras vinculadas ao jornal *O Exemplo*. Busca-se, portanto, analisar algumas discussões sobre os direitos de cidadania e estratégias de mobilidade social presentes tanto nos eventos que estes grupos teatrais promoviam como em outros na qual se associavam.

Estes grupos teatrais estão inseridos em uma ampla rede de associações civis da comunidade negra atuantes na vida política, social e cultural de Porto Alegre neste período. Também é importante destacar a forma de organização interna destes grupos teatrais, constituídos como associações civis, com diretorias e cargos eleitos anualmente. Esta forma de organização não é exclusiva destes grupos de teatro. Nas primeiras décadas do século XX, bandas musicais, cordões carnavalescos, grupos de ternos de reis da comunidade afrodescendente organizavam a partir destes critérios. A forma de organização destes clubes sociais permitia o trânsito de integrantes entre diferentes instituições, aprofundando as relações de proximidade.

O Grêmio José do Patrocínio foi fundado em novembro de 1908 com o objetivo de, conforme consta nas páginas do jornal O Exemplo, "[...] proporcionar ao nosso meio social as suas apreciadas recitas dramáticas". Este grupo teatral teve atuação relativamente curta. Tem-se registro de suas apresentações até o segundo semestre de 1910. Os espetáculos teatrais do Grêmio José do Patrocínio, no seu primeiro ano de atuação, ocorriam seguidamente salão da Sociedade Floresta Aurora. O jornal O Exemplo chegou a mencionar em agosto de 1909 a realização do "espectaculo mensal" deste Grêmio "no salão da antiga Sociedade Floresta Aurora". As apresentações, por vezes denominada como "sarau dramático" pelo jornal O Exemplo, eram geralmente compostas por encenações teatrais de comédias e dramas, recitação de poesias e monólogos. A música também se fazia presente. Por vezes com bandas de música abrindo, preenchendo os intervalos entre as atrações e encerrando os espetáculos, como fizeram a Sociedade Musical Lyra Oriental e a Banda da Floresta Aurora, ambas formadas por afrodescendentes, em 1909 e 1910. Em outros momentos, a música figurava entre as principais atrações dos espetáculos, como em julho de 1910 quando foi anunciado a apresentação de cançonetas pelo "duetto Dutra e Carolina".

O Grêmio José do Patrocínio permite acompanhar como visava fomentar as relações de proximidade entre diferentes clubes sociais. Por exemplo, uma de seus espetáculos, realizado em agosto de 1909, foi "offerecido aos moradores do disctricto representado nas Sociedades União Universal, Recreio da Infância, Flor das Campinas, Recreio Jovial, Sentinella do Sul e Irmãs Unidas". Este corpo cênico também realizava ações de auxílio mútuo entre as associações, a exemplo da solicitação da Sociedade União Universal de um espetáculo com renda destinada a essa agremiação, para

adquirir um estandarte, e de um festival em benefício dos cofres da Floresta Aurora em 1910, que, por sua vez, cedia seus salões para as apresentações artísticas.

As lideranças negras vinculadas ao jornal O Exemplo, ao lado de algumas bandas e clubes afrodescendentes que se está acompanhando, buscavam incentivar e propiciar formas de instrução. Se a fundação do Grêmio José do Patrocínio estava destinada a propiciar a apreciação da arte dramática no seu "meio social", observa-se que suas finalidades iam além da apreciação artística, direcionando-se, progressivamente, para criação de mecanismos de instrução para o público dessas apresentações. Em 1909, portanto, após um ano de sua fundação, esse corpo cênico foi reorganizado, cabendo a formação de uma comissão para elaborar novos estatutos e regulamento do corpo cênico, composta por Luiz Rodrigues de Souza, Henrique Augusto Martins e Arnaldo Dutra. Após a reforma nos Estatutos, o Grêmio José do Patrocínio passou a realizar conferências e palestras, seguidas de apresentações artísticas que incluíam basicamente declamação de poesias e monólogos. A entrada era gratuita e também eram encaminhados convites para diferentes associações civis negras para comparecerem às atividades evidenciando sua preocupação em divulgar a importância da instrução. A partir da reorganização do Grêmio José do Patrocínio, realizada em 1909, o foco de suas atividades, portanto, passou a ser a instrução, ficando as apresentações artísticas como eventos complementares às palestras.

Através do Grêmio José do Patrocínio, percebe-se que as atividades artísticas eram uma ferramenta que visava à aproximação com outros clubes negros e que eram utilizadas estrategicamente, incentivando a instrução através da criação de formas alternativas de ensino, no caso, conferências literárias e criação de aulas e bibliotecas. Os objetivos elencados pelo Grêmio José do Patrocínio visando mecanismos de instrução não eram desempenhados por seus integrantes somente através desta instituição. Em fevereiro de 1910, pouco depois de Leopoldino Ribeiro Álvares realizar uma das conferências literárias do Grêmio José do Patrocínio tendo como tema "A Mulher", o jornal O Exemplo noticiou a criação de uma grande comissão constituída por um "grupo de senhoritas e senhoras", destinadas a dirigir "um apello a todas as nossas associações, no sentido de cada uma delas estabelecer aulas nocturnas e a creação de bibliothecas instruticas, paras as associadas e seus filhos." A primeira conferência proferida por este grupo ocorreu nos salões da Sociedade Instrucção Familiar, outro importante clube negro de Porto Alegre, e contou com a colaboração de diversos integrantes do Grêmio José do Patrocínio, que, por sua vez, também eram integrantes do jornal O Exemplo.

Estes eventos culturais eram, portanto, uma ferramenta que visava à aproximação com outros clubes negros e que eram utilizadas estrategicamente, incentivando a instrução através da criação de formas alternativas de ensino, no caso, conferências literárias e criação de aulas e bibliotecas. Estas atividades artísticas, ao mesmo tempo, também estiveram vinculadas a um processo mais amplo de construção de identidades, assim como diversos outros eventos promovidos pelo amplo rol de associações afrodescendentes. Para tanto, entrecruzavam-se vários significados relacionados à valorização de acontecimentos e personalidades políticas importantes para a conquista da liberdade e para as discussões dos direitos de cidadania naquele período, fornecendo não só referências vinculadas ao devir da comunidade afrodescendente, mas também demarcando sua participação em pautas políticas mais abrangentes.

A visita do Deputado Monteiro Lopes, "illustre representante da nação", mobilizou diferentes setores da comunidade afrodescendente de Porto Alegre. Logo

uma comissão foi nomeada para recebê-lo, organizada pela redação do jornal O Exemplo, a Sociedade Dramática José do Patrocínio, o eminente Coronel Aurélio de Bittencourt (antigo fundador do jornal O Exemplo) e mais "amigos e associações". Na festividade de recepção ao Deputado Monteiro Lopes foram executadas as composições do Maestro José André Gonçalves através da Banda Lyra Oriental. Nas palavras dos redatores de O Exemplo "[...] dois bonitos dobrados de sua lavra aos quaes deu o nome de Jose do Patrocinio e Monteiro Lopes, associando-se dessa forma patriótica as homenagens que o povo de Porto Alegre levará a effeito na proxima chegada do dr. Monteiro Lopes". A presença da música nessas atividades estava cumprindo uma dupla função: comemorar a presença de um político negro no alto escalão político do País, com todo o significado que tinha para as lutas cotidianas contra a discriminação e o preconceito étnico-racial por todo o processo acarretado com sua candidatura, eleição, recusa de reconhecimento de sua eleição, mobilizações de apoio à posse e, finalmente, efetivação de Monteiro Lopes como deputado., e, por outro lado, demarcar para a sociedade porto-alegrense essa realização com suas marcantes bandas de música e suas demandas políticas.

O Grêmio José do Patrocínio teve atuação relativamente curta. Tem-se registro de suas apresentações até o segundo semestre de 1910. De todo modo, seus integrantes fundaram e participaram de outros corpos cênicos posteriormente. Em 1917, por exemplo, O Exemplo noticia que antigos sócios cogitaram retomar as atividades do Grêmio José do Patrocínio. No entanto, pôde-se verificar que estes fundaram um novo grupo denominado Grêmio Dramático Carlos Gomes., que se associou a uma importante iniciativa. Em 1916, foi noticiado que amigos do "inesquecível jornalista" José do Patrocínio tomaram a si o encargo de erigir uma herma comemorando a existência daquele "batalhador da liberdade" na Cidade do Rio de Janeiro. No ano seguinte, diversos setores da comunidade afrodescendente de Porto Alegre estiveram envolvidos com iniciativas em benefício à ereção da herma do "grande patrício" José do Patrocínio, capitaneados pelos redatores do jornal O Exemplo. Um grupo de "senhorinhas" pertencentes a variadas sociedades estava encarregado de passar por diversas casas, para angariar auxílios. Foi também organizado festivais artísticos para arrecadar fundos, realizado nos espaçosos salões da Sociedade Floresta Aurora, "gentilmente cedidos para esse fim por sua illustrada directoria". O Grêmio Carlos Gomes se associam a esta campanha e promovem uma série de festivais artísticos na intenção de arrecadas recursos para contribuir na construção destes marcos simbólicos que valorizavam o protagonismo de intelectuais negros., mesmo que seja em outra região do Brasil.

Dentre algumas datas comemorativas celebradas pela comunidade negra, têm destaque as relacionadas com a emancipação da escravatura, principalmente a Lei do Ventre Livre (28 de setembro) e a Lei Áurea (13 de maio). As celebrações em torno de outras datas cívicas, principalmente a relacionada à Independência do Brasil, no dia 7 de setembro, também eram largamente festejadas por distintas associações afrodescendentes, sejam elas beneficentes, sejam instrutivas, recreativas, religiosas, teatrais ou jornais. Atreladas a essas datas cívicas, estão personalidades políticas que eram referenciadas. Nas celebrações da liberdade, nomes como os de José do Patrocínio, Luiz Gama, André Rebouças, Marcílio Dias, Cruz e Souza, Henrique Dias, João Candido, dentre outros, foram seguidamente mencionados pelas lideranças negras nessas atividades sociais.

Estas datas cívicas também foram importantes para a sociabilidade e articulação destes grupos para a organização de vários setores da comunidade negra.

Muitos clubes surgiram vinculados a estas datas, correspondendo a momentos importantes de sua articulação e organização politica. O próprio Grêmio José do Patrocínio quando se propõe a reerguer com este nome em 1917 se dá em um 13 de maio. São variados clubes sociais afrodescendentes, com distintas finalidades, que, em suas denominações, homenagearam políticos ligados às assinaturas das leis emancipatórias, assim como "homens de cor" com destacada atuação política e social. A menção a essas personalidades também era estreitamente vinculada às atividades artísticas. Por exemplo, os próprios nomes dos corpos cênicos, o Grêmio José do Patrocínio e o Grêmio Arthur da Rocha, elegem positivamente tanto personalidades afrodescendentes como as datas importantes para a reconstrução de um passado histórico compartilhado. Da mesma forma, são difundidas e consumidas peças teatrais de autoria de teatrólogos afrodescendentes, como no caso de Arthur Rocha.

O Grêmio Dramático Arthur Rocha foi fundado em 1916 "destinado a cultivar a arte dramatica em nosso meio social", conforme consta no jornal O Exemplo, e teve como seu primeiro presidente Arnaldo Dutra. Seu nome homenageia o importante dramaturgo negro de Porto Alegre, atuante na segunda metade do século XIX. Este corpo cênico também apresentava uma diretoria eleita anualmente dividida nos seguintes cargos: presidente, vice-presidente, ensaiador, tesoureiro e bibliotecário. Seus espetáculos também contavam com atos de variedades, sendo apresentados diversos números musicais. Embora tenha tido um curto período de atuação, também se verifica circulações entre diferentes instituições culturais ao lado de outros clubes negros.

Este corpo cênico, fora homenagear um dramaturgo negro, demonstra como as celebrações desas datas cívicas não ocorriam somente no interior da rede associativa da comunidade negra de Porto Alegre. O Grêmio Dramático Arthur Rocha, por exemplo, comemorou com toda pompa a data do 13 de maio com um festival artístico realizado no Theatro São Pedro. Neste evento, foi apresentado o drama *José* de Arthur Rocha após a fala de diversos oradores e da conferência principal dissertando sobre a data festejada. Os demais grupos teatrais mencionados também realizaram apresentações no Theatro São Pedro. O Grêmio Dramático Carlos Gomes realizou um dos festivais em benefício à construção da herma do José do Patrocínioo neste mesmo teatro, situação onde foi apresentado um busto construído em homenagem ao José do Patrocínio por um artista negro local.

Desde sua fundação, o Theatro São Pedro correspondeu à principal, e posteriormente a mais tradicional, casa de apresentações de Porto Alegre. Certamente ocupar seu palco e seus salões de eventos proporcionava uma inserção diferenciada no cenário cultural. Essas datas cívicas traduziam projetos políticos de ordenação social, disciplinamento, de hierarquias sociais que estavam sendo debatidos o período republicano, em contraponto ao recente passado escravista e imperial. Nessa discussão, a população afrodescendente, por meio de suas associações e atividades artísticas, participava ativa e publicamente. Estes grupos de teatro, ao festejarem estas datas cívicas sustentavam a visibilidade destas efemérides relacionadas à conquista da liberdade, muitas vezes estas datas eram negligenciadas pela comunidade de forma geral, e fortaleciam as discussões sobre os direitos de cidadania. Portanto, além de proporcionam momentos de comemoração, reflexão e reivindicação, protagonizar as celebrações destas datas publicamente também era uma forma de demarcar suas pautas políticas na construção nacional.

Integrado, em grande parte, por lideranças negras vinculadas ao jornal O Exemplo, a atuação destes grupos teatrais demonstram como diferentes formas

artísticas também foram utilizadas como veículos de atuação, interlocução e reivindicação. Ao lado das apresentações teatrais, estes clubes também protagonizavam iniciativas voltadas à instrução e à consolidação de identidades negras positivas, além de terem aprofundado relações de proximidade com outros grupos sociais debatendo pautas políticas atreladas à condição de vida dos trabalhadores. Estas lutas políticas são travadas por diferentes caminhos, estratégias e recursos. Estão atentas tanto à comunidade negra no qual o jornal se propõe dialogar de forma direta, como nas relações que a comunidade negra estabelece com a sociedade em geral, sempre inserida em um processo de constante debate. Nesse processo, verifica-se a reafirmação de identidades sociais e culturais assentadas em referências positivas contra reativas ao ideário estigmatizante propagado pela bibliografia racial e por parte da grande imprensa local naquele período.